

NEM UM SOLDADO DO BRASIL PARA A COREIA!

COMENTÁRIO NACIONAL



RECORDEMOS ÀS MASSAS AS PALAVRAS DE PRESTES

NESTE MOMENTO, em que por toda parte se evidencia o crescimento do descontentamento popular, recordemos aquelas palavras de Prestes em sua «Carta Aberta ao Povo Brasileiro», divulgada às vésperas das eleições de Outubro.

«Os senhores das classes dominantes — alertava, então, o Cavaleiro da Esperança — querem utilizar as eleições para legalizar o fascismo. Usam a capa de constitucionalidade para chamar o povo às urnas, mas seu objetivo é esmagar os últimos vestígios de liberdade e de democracia, é acelerar a marcha para o fascismo e intensificar os preparativos para a guerra imperialista, é levar o país à colonização total, reduzir o povo a uma situação de fome ainda maior e a completa escravidão».

Realizaram-se as eleições. O povo, apesar do ambiente de terror e violências, votou indistintamente contra a política de guerra e traição nacional da ditadura de Dutra, derrotando-a fragorosamente. Mas, ao mesmo tempo, setores amplos das massas deixaram-se iludir com a demagogia de Vargas, que prometia uma política diametralmente oposta, uma política de paz e «bem estar social», uma política anti-imperialista e de democracia. E assim, com alguns milhares de votos populares, retornou ao governo o velho tirano do Estado Novo. Seu governo, porém, confirma, a cada dia, a cada hora, a advertência de Prestes e dos comunistas.

Este é o quinto mês de governo de Getúlio. E que aconteceu?

Mais do que nunca pesa sobre o nosso povo a ameaça da guerra imperialista. Pesa a ameaça imediata do sacrifício das vidas de nossa juventude pelos super-lucros dos trustes ianques e dos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros. Não obstante todas as tentativas de desarmar a vigilância popular, são os próprios ministros de Getúlio que não podem mais ocultar o fato criminoso de que se prepara o envio de soldados brasileiros para morrer na Coreia e de que se tenta colocar setores de nossas forças armadas sob o comando de Eisenhower, para as aventuras guerreiras do imperialismo ianque na Europa.

Mais do que nunca se cravam, no coração do Brasil, as garras de Wall Street. O petróleo, o minério de ferro, o manganês, nossas riquezas minerais passam rapidamente às mãos dos trustes americanos e todo este entreguismo se efetua com um cinismo maior e mais franco do que durante o governo de Dutra.

Mais desesperado do que antes o terror fascista vai sendo desencadeado. Metralhadoras e tanks do Exército são atirados contra operários grevistas. Canhões são assentados contra trabalhadores, como os estivadores de Belém, que protestam contra a entrega da navegação de cabotagem às companhias estrangeiras. Expedições punitivas, com todos os requintes da selvageria nazi-ianque, são organizadas contra camponeses que defendem suas terras, como os posseiros do norte do Paraná e os caboclos de Porto Seguro, na Bahia. As associações democráticas e patrióticas são ameaçadas de fechamento. São postas em execução as ordens americanas para caçar, prender e eliminar fisicamente os dirigentes comunistas, especialmente Luiz Carlos Prestes.

Maior do que em qualquer outro instante é a fome e a miséria dos trabalhadores e das grandes massas. Nestes cinco meses, o custo da vida já apresenta um índice de crescimento mais elevado do que o índice de todo o ano passado. Mas os lucros dos grandes capitalistas aumentam fabulosamente, ligados a

Conclui na pag. 11

Recrudescem as manobras de Getúlio-João Neves, por ordem dos agressores americanos, para enviar nossa juventude como gado de corte para a Ásia

Deve o nosso povo responder ao maneio infame, redobrando sua luta por um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências e contra a remessa de nossa juventude para a morte na Coreia

A data de 25 de junho assinala o primeiro aniversário da infame agressão imperialista norte-americana ao heróico povo coreano.

Sabem todos os democratas e as pessoas que não se deixam mistificar pela propaganda das agências ianques, que são os Estados Unidos os únicos responsáveis pela guerra na Coreia. Para desembarcar naquele país tropas procedentes dos Estados Unidos, os americanos atravessam 5.000 milhas de oceano, enquanto o povo coreano combate em seu próprio território. E os fatos já históricos da viagem de Foster Dulles à Coreia do Sul para ordenar a provocação e da intervenção das tropas ianques, antes mesmo da ilegal aprovação do Conselho de Segurança, completam o quadro da vergonhosa agressão americana.

NOSSO APOIO AO POVO COREANO

O povo brasileiro, que não tem dúvida sobre a responsabilidade do conflito, está desde o primeiro momento profundamente ligado à luta do povo coreano. Indicando ao nosso povo o caminho da solidariedade ativa, disse Prestes que a causa do povo coreano é a nossa causa. No desfile de 7 de setembro no Anhangabaú, Elisa Franco destruiu a bandeira de luta contra a remessa de nossos irmãos para o matadouro da Coreia. Poucas vilas ou localidades do nosso interior ainda não enviaram aos governos abajornados contendo protestos de homens e mulheres contra as tentativas do governo de enviar nossas tropas. Outras manifestações, desde as simples pinturas murais, que se encontram em todas as cidades brasileiras, até os desfiles, têm se desenvolvido exprimindo nosso decidido apoio à luta heróica do povo coreano pelo seu direito à vida independente pela liberdade em sua própria terra.

NOVA OFENSIVA DO AGRESSOR

Coincidindo com o primeiro aniversário da agressão, os imperialistas americanos que se sentem derrotados fazem nova ofensiva para obter um tributo de sangue de nosso povo. Querem ligar nossa sorte à sua louca aventura. Os imperialistas de Washington contam para isso com os vergonhosos compromissos as-

sumidos por Getúlio-João Neves na Conferência de Washington. Apontam ao governo servil de Getúlio o exemplo da Colômbia que além de mandar um navio de guerra,

enviou um contingente que já se encontra no teatro de operações da Ásia.

Vem daí a cínica sandagem de Getúlio à opinião pública, por intermédio do jornal de

seu indecoroso escriba Samuel Wainer, sobre a possibilidade de Brasil enviar tropas para a Europa, que ficariam sob o comando do general Eisenhower. (Conclui na pag. 11)

VOZ OPERÁRIA



HA' 10 ANOS, na data de 22 de junho de 1941, os exercitos nazistas invadiram a União Soviética, depois de terem ocupado quase todos os países da Europa Continental e de parecerem confirmar o mito da invencibilidade da Wehrmacht.

Mas, o que não conseguiram fazer os regimes capitalistas da Europa Ocidental, conseguiu realizar o Estado Soviético: despedaçar a máquina de guerra litterista e, deste modo, libertar os povos da escravidão nazi-fascista. Nesta dura prova de fogo, o regime socialista soviético revelou-se, assim, superior ao regime de qualquer país capitalista, e capaz de destruir a maior máquina agressora já montada na história.

Na memória dos povos estão vivas ainda as recordações das epopeias dos povos soviéticos na Segunda Guer-

(Conclui na pag. 11)

LEIA NA 3.ª PÁGINA

**PELA PAZ,
PELA LIBERTAÇÃO
NACIONAL**

Informe Político de
JOÃO AMAZONAS
ao Plano do Comitê
Nacional do P. C. B.

O Significado das Eleições na França

COMO ACONTECEU na França há poucos dias, a reação e o imperialismo norte-americano sofreram outra fragorosa derrota na França.

Precedida de uma onda furiosa de provocações anti-comunistas e anti-soviéticas, de um enorme estardalhaço em todos os veículos da propaganda americana — suas agências telegráficas ou os jornais que publicam suas mentiras e calúnias — as eleições gerais na França foram preparadas como um balanço de forças pelos incendiários de guerra.

Somente depois de aprovada uma lei eleitoral de farsa, destinada a subtrair votos da classe operária, a burguesia francesa convocou as eleições gerais de 17 do corrente. Tudo foi minuciosamente previsto para dar a vitória — que deveria ser uma vitória esmagadora e total — ao ajustamento de fascistas e reacionários chefiado pelo general Charles De Gaulle, homem de confiança do Departamento de Estado e dos banqueiros de Wall Street. De Gaulle anunciou seu programa na base de uma política ferocemente anti-comunista e contra a União Soviética, servindo assim às mil maravilhas aos planos de guerra da camarilha de Truman, Acheson, Bradley e companhia.

A chamada terceira força, os socialistas da direita, os radicais-socialistas e demais colaboradores do imperialismo francês, de posse da máquina governamental e da maioria reacionária na Assembleia Nacional francesa, ajudou por todos os meios o partido de De Gaulle e o R.F.E., visando entregar-lhe o poder na base da derrota do Partido Comunista.

Os resultados oficiais da votação do povo francês, anunciados na noite de 19 do corrente, ainda incompletos, mostram que os planos da reação e do imperialismo norte-americano se esborçaram. O Partido Comunista Francês surgiu mais uma vez, como aconteceu em 1946, como o maior partido político da França. Enquanto obteve mais de 5 milhões de votos, os degaullistas mal atingiram os 4 milhões. Os partidos da coligação reacionária que estava no poder, como o Socialista dos herdeiros de Léon Blum, ficaram na casa dos dois milhões de votos.

Assim, mais uma vez os trabalhadores e os democratas franceses demonstraram, acima de tudo, seu desejo de paz, democracia e independência nacional. Deram seu apoio firme ao Partido Comunista precisamente porque o Partido Comunista defendeu uma política de defesa e consolidação da paz, uma política contrária à intervenção desenfreada que os Estados Unidos têm atualmente na vida da França, uma política de aproximação e colaboração estreita com a grande União Soviética.

A vitória conquistada pelo Partido Comunista Francês tem uma significação imensa não só para os destinos da França mas para todo o campo da paz e da democracia.

Não foi por acaso que os representantes dos Estados Unidos, Inglaterra e França na conferência dos Vice-Ministros do Exterior, em Paris, se recusaram a aceitar as propostas de paz apresentadas pelo delegado soviético Andrei Gromiko, antes de conhecidos os resultados das eleições. E que os porta-vozes do imperialismo esperavam contar com a aprovação do povo francês para sua criminoso política de guerra e ocupação da França.

A derrota do imperialismo americano na França tem maior importância ainda quando se sabe que esse país ocupa um lugar destacado na estratégia guerreira do Pacto do Atlântico Norte.

Se com a lei eleitoral de farsa, de roubo dos votos da classe operária, os partidos da reação, particularmente o ajustamento de De Gaulle, levam bancadas numerosas para a Assembleia francesa, o que continua a valer, deciseivamente, é a vontade soberana da classe operária e do povo, que deram ao Partido Comunista mais de 5 milhões de votos e lhe asseguraram seu posto de honra como o maior partido político da França.

Este fato é que os imperialistas e reacionários terão que levar em conta em seus planos de guerra e escravização de povos. Eles sabem antecipadamente que se desencadearem a guerra a França será um vulcão sob seus pés e não faltarão cadafalsos para os incendiários de guerra norte-americanos e os traidores do povo francês, que sabrá punir exemplarmente seus inimigos de hoje, como puniu os ocupantes alemães e os colaboracionistas da segunda guerra mundial.

"MINHA VIDA" de MAO TSE TUNG

No próximo número de VOZ OPERÁRIA continuaremos a publicação de «Minha Vida», do grande líder do povo chinês Mao Tse Tung, que deixamos de publicar na presente edição por motivos de ordem técnica.

ITALIA

Manifestações de protestos realizadas pelos trabalhadores de Roma, comícios e passeatas de repúdio, marcaram a visita do título Adenauer à capital italiana. «Unità» apresenta Adenauer como um continuador da política de Krupp e Hitler, a serviço dos americanos. O jornal salienta que a visita de Adenauer visava reforçar o novo Eixo Bonn-Roma, que substituiu o Roma-Berlim de outrora. Verificam-se, enquanto isso, na cidade de Roma várias greves dos trabalhadores em transportes coletivos, que exigem aumento de salários.

Uma Severa Advertência

AYDANO DO COUTO FERRAZ

Faz dez anos que o perfido ataque armado hitlerista à União Soviética, desencadeado a 22 de junho de 1941, despertava a indignação dos povos amantes da paz e inspirava os atos de solidariedade revolucionária do proletariado mundial. Tendo submetido a União Soviética a uma prova decisiva, a barbara agressão nazista demonstrou ao mundo, contra a vontade de Hitler, Churchill e da burguesia, a superioridade do regime socialista sobre o pódre capitalismo.

Dez anos são passados sobre os primeiros grandes choques nas fronteiras da Pátria dos Trabalhadores, muitos milhares de dias transcorreram sobre aquele momento em que a consciência humana firmou juízo sobre a ilimitada capacidade de luta do homem soviético educado por Stalin e pelo Partido Bolchevique. Milhões de labírios então se abriram em todo o mundo para dizer ali eles encontrarão resistência, ali eles serão derrotados.

E, de fato, foi ali no solo sagrado que pertence a todos os que trabalham e não a uma minoria de parasitas, que os bandidos nazistas encontraram a primeira resistência e a sua sepultura porque já não estavam diante de governos que traíam o povo e lhes abriam as portas do país, mas diante de um governo em que as forças armadas são a medula viva do povo e a amorosa direção do Partido dirigente, e o regime a essência da vontade e dos anseios de toda a coletividade.

«O Poder Soviético — já dizia em 1918 o grande Stalin — não é um poder divorciado do povo: é pelo contrário, o único Poder em seu gênero, um Poder emanado das camadas populares, por elas desejado e delas muito perto. Isto precisamente é que explica a força e a flexibilidade nunca vistas que, nos momentos críticos, o Poder Soviético revela.»

Foram esta força e esta flexibilidade que as 175 divisões de Hitler e de toda a Europa mobilizadas contra a URSS conheceram na sua própria pele, enquanto os Estados Unidos e a Inglaterra faziam uma guerra de poupança e demoravam em abrir a segunda frente; foram esta força e esta flexibilidade que fizeram Hitler e seu arrogante exército morder o pó da derrota de Stalingrado a Berlim; foram esta força e esta flexibilidade que pulverizaram a mais poderosa máquina de guerra jamais lançada contra um povo livre.

Mas, passados dez anos, se os horrores da guerra estão vivos na memória dos povos, os fatos indicam que os agressores não aprenderam a lição da História. «Aniquila-

remos a Rússia para que nunca mais possa levantar a cabeça», disse Hitler. «Bombardaremos os centros vitais da Rússia e os destroçaremos em 24 horas», dizem os fascistas americanos.

No entanto um mapa não é coisa muito complexa. Tirar ensinamentos práticos do que se vê em um mapa, é coisa que está ao alcance de todos. Que era o mundo antes da segunda guerra? No mundo havia um único Estado Socialista, a União Soviética. Na Ásia, um Estado democrático popular, a República da Mongólia. E hoje? Hoje estão ao lado da URSS, no vitorioso campo da paz, a Albânia, a Bulgária, a Hungria, a Rumania, a Polónia e a Checoslováquia. A China libertou-se do jugo imperialista e forma com a URSS a mais sólida aliança dos Estados da história. Crescem as forças da paz e da democracia nos países capitalistas, como indicam as eleições na França e na Itália. Os povos do Viet-Nam, da Birmanian, da Malásia, defendem, com êxito, as armas na mão, a sua independência.

Isto prova que não foram vão os grandes feitos do povo soviético, seus 17 milhões de vidas humanas perdidas na guerra, os incontáveis sofrimentos e privações por que passou, seu extenuante trabalho de anos na retaguarda e na frente para assegurar o esmagamento dos inimigos fascistas e com isso a libertação da humanidade do monstruoso jugo hitlerista. Todos os povos são gratos à URSS pelo cumprimento dessa missão inédita na história humana.

E esta é a razão pela qual, hoje, quando Truman e Mac Arthur, os monópólos e os generais lanques tudo fazem para estender a guerra ao solo livre da gloriosa URSS, como o fez Hitler, para a União Soviética voltam-se as esperanças de milhões e milhões de seres que a acompanham na luta pela paz e fazem um solene juramento de todos, o juramento aos povos: jamais pegaremos em armas contra a União Soviética. O povo brasileiro, um dos primeiros a fazer esse juramento pela boca de Prestes, há muito tomou essa resolução e por isso luta contra as tentativas criminosas de lançar nossa mocidade na voragem da guerra.

Esta confiança na URSS encerra uma grande advertência aos bestiais agressores e dá aos povos a certeza inabalável de que, se os imperialistas estenderem a agressão, desta vez não somente sobre a Europa e a Ásia tremulará a bandeira invencível do socialismo e do poder popular, mas sobre todo o mundo, renovado pela energia criadora da classe operária e livre em definitivo da odiosa escravidão capitalista.

VOZ das AMÉRICAS

♦ CUBA

O governo proibiu a realização de um comício de solidariedade aos grevistas espanhóis, que teria lugar em La Habana. A medida provocou grande indignação no seio do povo, tendo sido levantados energicos protestos junto ao Errio, o título que governa o país com o apoio dos americanos.

♦ PORTO RICO

Cinco mil operários da usina de açúcar «Mercedita de Ponce» declararam-se em greve reivindicando aumento de salário e melhores condições de vida. Os trabalhadores portuários solidarizaram-se com os grevistas, recusando-se a fazer carregamentos para essa usina. Os trabalhadores, que ocuparam a usina, manifestavam a sua revolta contra o colonialismo lanques, exclamando: Abaixo Muñoz Marín!

♦ ESTADOS UNIDOS

Uma onda de greves sacudiu os Estados Unidos. Em Nova Iorque, 65 mil mulheres paralisaram o trabalho em duas mil lojas. Essa greve é considerada a maior nos últimos 25 anos, naquela cidade. Em Akron, Ohio, 24 mil trabalhadores paralisaram o trabalho nas indústrias de borracha. Em Detroit e South Bend o número de grevistas nas fabricas de automóveis elevou-se a 15 mil. Encontram-se em greve, ainda, os trabalhadores das minas de ferro. Na costa este dos Estados Unidos, em 23 portos, cerca de 80 mil marítimos declararam-se em greve, reivindicando um aumento de 25 por cento nos salários. No Pacífico, 300 operadores de rádio cruzaram os braços exigindo melhores horários e melhores condições de trabalho. Esta greve paralisa grande parte do movimento marítimo, pois, de acordo com a lei, nenhum navio pode navegar sem operadores de rádio. Os mecânicos da Pan American World Airways, que se declararam em greve em vários aeroportos do país pela conquista de melhores salários, foram vitoriosos. Esta greve atingiu cerca de seiscentos trabalhadores.

O cantor Paul Robeson publicou uma carta-aberta dirigida ao representante do governo dos Estados Unidos na ONU, Austin Paul Robeson condena a recusa grosseira de Austin ao pedido de J. H. Curie, no sentido de que fosse apoiada a proposta para a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

♦ CHILE

Declararam-se em greve os operários da mina de «El Teniente», por aumento de salários. Os trabalhadores das minas de cobre de Chuquibambilla, em luta pela conquista de reivindicação idêntica, dirigiram-se aos patrões marcando um prazo de sete dias para atender às suas exigências.

nos 4 cantos do mundo

UNIAO SOVIETICA

Em toda a URSS estão sendo realizados atos comemorativos do 15.º aniversário da morte do grande escritor Máximo Gorki. Na Biblioteca Lenin, em Moscou, foi inaugurada uma exposição consagrada à obra de Gorki, na qual figuram as cartas e cartas dadas por Lenin e Stalin, assim como a saudação de Stalin ao escritor por ocasião do 40.º aniversário de suas atividades sociais e literárias. O «Pravda», referindo-se às comemorações, escreveu: «Máximo Gorki foi um lutador ardente pela liberdade e a felicidade do gênero humano. Foi um paladino infatigável da paz e um acusador implacável dos imperialistas, aos quais chamava de maiores inimigos da humanidade».

CHINA POPULAR

Na República Popular da China, estão sendo reduzidos os preços dos gêneros alimentícios e dos artigos industriais. Nos últimos cinco meses, por ato do governo popular, foram consideravelmente rebaixados os preços do pão e dos derivados de farinha. O preço da gordura baixou de 7% e, do açúcar, de 35%.

INDIA

O governo da Índia notificou a ONU, por intermédio de seu representante, que não enviará tropas para qualquer espécie de guerra, como impunham os Estados Unidos.

Aportou em Bombaim o navio soviético «Cuban», com um carregamento de 8.600 toneladas de trigo para aliviar a fome do povo indú.

GRECIA

Enfrentando o terror monarca-fascista, os trabalhadores gregos levantam-se para lutar pela conquista de suas reivindicações. Em Salonica e Tessalia, além de outras regiões, registraram-se numerosas greves de operários por aumento de salários. Os marinheiros da frota mercante grega encontraram-se também em greve, por aumento de salários.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
WALDYR DUARTE

Matriz: Av. Rio Branco, 257 — 17.º andar — Sala 1712

SUCURSAIS

SAO PAULO — Rua dos Estudantes, 64 — sala 29; PORTO ALEGRE — Rua Riachuelo, 285; BAIXOS: RECIFE — Rua do Palma, 296 — Sala 206 E. Saei; SALVADOR — Rua Padre Aristino Gomes, 7 — 1.º andar — Sala 2; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 124, Sl. 2; JOAO PESSOA — Rua Rua Silva Jardim — 689.

Anual	Cr\$ 30,00
Semestral	» 15,00
Trimestral	» 8,00
Número Avulso	» 0,50
Número Atrasado	» 1,00

ESTE SEMANARIO É REIMPRESSO EM S. PAULO, RECIFE, PORTO ALEGRE, FORTALEZA E JOAO PESSOA

PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

7 dias NO BRASIL

Informe Político de JOÃO AMAZONAS APRESENTADO À REUNIÃO DO COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Reuniu-se o Comitê Nacional do P.C.B. para análise do desenvolvimento da situação política internacional e nacional, após o Plenário Ampliado de Fevereiro deste ano. O balanço da situação política e das tarefas dos comunistas que ela coloca na ordem do dia foi feito por João Amazonas, cujo informe publicamos neste local.

O informe político da reunião plenária do Comitê Nacional tem uma significação extraordinária, não só para os comunistas, mas igualmente para todos os trabalhadores, para todos os que lutam pela paz e a independência nacional. Confirmando as teses apresentadas no Manifesto de Agosto e no Informe de Fevereiro, esta análise da situação mundial e nacional constitui uma arma de luta para o proletariado e as grandes massas. O Informe apresentado por João Amazonas, apontando, de um lado, o desenvolvimento cada vez mais acelerado da política de Vargas e das classes dominantes no sentido da guerra, da colonização total do país pelo imperialismo lanque e do fascismo, e, de outro lado, o início de novo êuge de lutas populares no país, indica de maneira precisa de que maneira é possível mobilizar, unir e organizar as grandes massas para que passem à ofensiva, consigam deter e derrotar a política de guerra e traição nacional e marchem seguramente no caminho da

libertação de nossa pátria, da conquista da paz e da democracia popular.

Dai a importância de que se reveste para a atividade dos comunistas e de todos os patriotas as resoluções e os trabalhos desta nova reunião plenária do Comitê Nacional do P.C.B. Entre essas resoluções merecem particular destaque as que se referem à participação dos comunistas nas próximas eleições municipais que se realizarão em diversos Estados, como Pernambuco, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul; as da organização da luta contra a carestia da vida e contra as resoluções da Conferência de Washington.

O Pleno do Comitê Nacional escolheu para o presidio de honra o nome de Militão Bezerra Ribeiro, destacado dirigente comunista português, há dois anos assassinado nas prisões fascistas de Salazar. Militão Bezerra Ribeiro, líder operário, foi também um dos dirigentes do Partido Comunista do Brasil durante os vários anos em que viveu em nosso país.

O pleno do Comitê Nacional, no seu encerramento, enviou uma calorosa saudação a Luiz Carlos Prestes, hipotecando-lhe a solidariedade ativa dos comunistas e dos trabalhadores em defesa de sua vida e de sua liberdade e a certeza de que os comunistas brasileiros saberão ser dignos de seu exemplo e levarão à prática os seus ensinamentos.

sua causa, por contar com o apoio crescente dos povos de todo o mundo, que a camarada Stalin afirma:

«Se a Inglaterra e os Estados Unidos rechassam definitivamente as propostas de paz do governo popular da China, a guerra na Coreia não pode terminar senão com a derrota dos intervencionistas.»

Testemunho da força cada vez maior do campo da paz é a realização em Berlim da Conferência Operária Europeia contra o rearmamento da Alemanha Ocidental. Nela estiveram presentes centenas de delegados operários, eleitos nos próprios locais de trabalho, que declaram opor resistência vigorosa aos planos dos provocadores de guerra, ansiosos de fazer da Alemanha novo foco de agressão contra os povos. Os operários de toda a Europa dão assim importante passo para a realização da unidade da classe operária, da qual depende fundamentalmente a defesa e a manutenção da paz.

Ao lado desse grande acontecimento, testemunho da força crescente do campo da paz são também as ações empreendidas pelo proletariado e o povo espanhol, que se erguem diante do carrasco Franco para lutar contra a miséria, o fascismo e a guerra. Estas lutas abalam até os alicerces do regime tirânico que empapou o solo da Espanha com o sangue dos seus melhores filhos e que hoje a serviço dos imperialistas americanos, prepara o país para nova carnificina. Saudamos calorosamente estas ações heroicas, que representam um golpe poderoso nos provocadores de guerra e fazem ruir a esperança dos agressores de encontrar na Espanha um ponto de apoio seguro para as suas aventuras guerreiras. Para a classe operária e o povo brasileiro, as lutas do proletariado espanhol significam exemplo e estímulo. Elas demonstram que a vontade de luta e a união dos trabalhadores e do novo para a conquista da paz, do não e da liberdade são capazes de derrotar o mais negro terror fascista.

A luta crescente sustentada pelos povos coloniais e semi-coloniais contra o imperialismo é igualmente, poderoso fator de reforçamento do campo da paz. Indicando o caminho certo para deter a agressão e conquistar a independência nacional, os povos da Birmania, da Malásia, das Filipinas, do Viet-Nam, empunham armas e, sob a direção da classe operária e do seu Partido, de vanguarda, travam combates de envergadura sempre maior. O heroico exército malaio de libertação nacional desferiu golpes nas forças armadas do Império Britânico, obrigado a manter ali cerca de 200 mil soldados. O exército democrático popular da Birmania controla já vasto território a oeste da via férrea principal do país e agrupamentos guerrilheiros isolados ocupam outras regiões da Bir-

mania. Nas Filipinas, os Huku — que é como se denominam as forças de libertação — ocupam grandes áreas no centro de Luzon e são já bastante fortes para realizar constantes sortidas nos subúrbios de Manila, capital das Filipinas. Sob a direção de Ho-Chi-Minh, o povo do Viet-Nam e suas forças armadas desfecham golpes poderosos nos exércitos imperialistas da França que ali lutam há mais de três anos sem conseguir qualquer êxito. Essa resistência armada dos novos coloniais enfraquece seriamente o imperialismo e com isto reverte a frente da paz. Para todos nós que vivemos sob o jugo imperialista, o exemplo desses povos tem grande significação, pois indica que a intensificação da luta pela libertação nacional é a melhor contribuição que podemos dar ao campo mundial da paz.

Finalmente, demonstração importante do crescente poder do campo da paz é ainda a campanha de âmbito mundial por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — Estados Unidos, União Soviética, China Popular, Inglaterra e França — lançada em Fevereiro pelo Conselho Mundial da Paz. Milhões de pessoas em todos os quadrantes da terra, manifestam energeticamente sua vontade de paz unificam suas forças em torno da bandeira de luta por um Pacto de Paz. Amolham-se e fortalecem-se assim as fileiras dos partidários da paz. Em contraste com a desmoralização da ONU, que se transforma em instrumento da política de guerra americana, cresce a autoridade e o prestígio do Conselho Mundial da Paz, que representa os verdadeiros anseios e a militância combativa das grandes massas contra o desencadear da guerra. A campanha por um Pacto de Paz como um poderoso meio de mobilização, esclarecimento e organização das massas contra a guerra, pode desferir golpe esmagador nos planos agressivos do imperialismo.

Tais são as principais vitórias do campo da paz neste último período. Elas demonstram a possibilidade do triunfo das forças da paz sobre as forças da guerra, reforçam a confiança dos povos em sua capacidade de impedir a guerra através da luta vigorosa pela garantia da paz.

MAIOR, E NÃO MENOR, O PERIGO DE GUERRA

Por outro lado, as sucessivas derrotas impostas aos planos agressivos dos ateadores de guerra levam ao desespero o campo imperialista. Sabemos já que quanto mais desonrada é a causa dos imperialistas, maiores são as ameaças de aventuras guerreiras. Lutando para dominar o mundo, para oprimir e pilhar os povos, para tentar fugir da crise que os ameaça e realizar lucros fabulosos com a guerra, os imperialistas americanos e

(Continúa na 4ª pág.)

* PRISÃO DE VEREADORES POPULARES

Dois vereadores comunistas da Câmara do Distrito Federal, Eliseu Alves de Oliveira e Antenor Marques, foram vítimas de atentados policiais, quando no desempenho do mandato conferido pelo povo. Eliseu Alves foi cercado, subjugado e preso na Estação de Bondes de Vila Isabel, por cinco policiais, e em seguida espancado. Antenor Marques foi preso por uma malta de beaguins no morro do Encontro quando falava aos moradores sobre as suas reivindicações. Tais atentados constituem um precedente para maiores violências, e estão enquadrados nos planos de Getúlio, que procura cumprir seriamente as vergonhosas Resoluções de Washington.

* TENTOU ASSASSINAR O DEPUTADO PAULO CAVALCANTI

O deputado Adalberto Guerra, que fora expulso do Sindicato dos Alfaiates em 1929 por roubo, tentou assassinar o deputado Paulo Cavalcanti, no interior da Assembléia Legislativa de Pernambuco, quando este o denunciou como inimigo do povo. O deputado popular revelou ainda que outro deputado, Nestor Souza, está respondendo a processo no município de Petrolina.

* PENETRAÇÃO IMPERIALISTA

A Usina Hidrelétrica do S. Francisco foi praticamente entregue aos imperialistas ianques, achando-se totalmente subscrita a quota de setenta milhões de cruzeiros do «capital particular» destinado a sua construção. A Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, com sede em Sabará, subscreu 10 milhões de cruzeiros e a Cia. Morro Velho, de Nova Lima, 7 milhões e 500 mil cruzeiros.

* REPULSA A CHATEAUBRIAND

Na cidade de Curitiba, a população manifestou de diversas maneiras a sua repulsa ao propagandista da guerra Chateaubriand, por ocasião da sua visita àquela localidade, onde fora fundar mais um jornal da cadeia dos Associados. Os patriotas pixaram o prédio onde iria funcionar o jornal com as seguintes inscrições: «Breve aqui diário pró-guerra» — «Diário da quadrilha de Chatô».

* CONTRA AS MEDIDAS FASCISTAS DO GOVERNO

Contra os votos dos representantes Getulista, a Câmara Municipal de Goiânia aprovou um requerimento de protesto pelas medidas fascistas do governo, visando fechar e tornar ilegais as organizações patrióticas e populares que lidaram a luta do povo brasileiro em defesa da paz e das nossas riquezas minerais.

INTRODUÇÃO

CAMARADAS:

O COMITÊ NACIONAL reúne-se para apreciar o desenvolvimento da situação política e, em particular, o da situação na América Latina e no Brasil em ligação com a Conferência de Washington, cuja significação profunda precisamos examinar e compreender. Como decorrência desta apreciação e orientação pela linha política do nosso Partido, devemos estabelecer as medidas capazes de nos permitir levar mais adiante a luta pela paz, pela libertação nacional.

Antes de entrarmos na análise da situação política, queremos saudar a histórica entrevista do camarada Stalin à «Pravda», acontecimento o mais importante na esfera internacional, nestes últimos tempos, ajuda inestimável à compreensão e à atividade dos comunistas. Agradecemos a Stalin a imensa contribuição que sua entrevista significa para os nossos trabalhos.

A entrevista do camarada Stalin ilumina o quadro da situação mundial, deixando ver em todos os seus aspectos a conjura criminosa das forças agressivas do imperialismo e, ao mesmo tempo, a força crescente e poderosa que a elas se opõe, a força em constante aumento do campo da paz, da democracia e do socialismo. Apontando as forças agressivas que tramam contra a paz mundial, o camarada Stalin chama a atenção para a importância que adquiriram no momento atual os países da América Latina, cujos representantes constituem o bloco mais unido e obediente dos imperialistas americanos na O.N.U. Esta advertência do camarada Stalin tem grande significação para nós, faz aumentar as responsabilidades que pesam sobre os povos latino-americanos. A entrevista do camarada Stalin inspira confiança inabalável na vitória da causa da paz e da derrota da causa da guerra — a causa sangrenta e criminosa dos milionários e multi-mi-

lionários americanos. Stalin aponta claramente o caminho para a conquista da paz.

Queremos, por isso, iniciar os debates nesta reunião do Comitê Nacional com a sábia indicação do camarada Stalin:

«A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e se a defenderem até o fim. A guerra não pode tornar-se inevitável se os provocadores de guerra conseguirem envolver as massas populares em mentiras enganadoras e arrastá-las a uma nova guerra mundial.»

Esta indicação de Stalin orienta os povos de todo o mundo em particular os comunistas.

I — O PODERIO CRESCENTE DAS FORÇAS DA PAZ NA LUTA CONTRA O PERIGO DE GUERRA

O desenvolvimento da situação mundial assinala, como foi dito no Informe de Fevereiro do nosso Comitê Nacional, o aumento ininterrupto das forças da paz e o crescente vigor da luta dos povos contra os planos agressivos do imperialismo.

A realização do plano quinquenal soviético, nove meses antes do prazo fixado, é um acontecimento de inestimável importância no quadro do crescimento das forças da paz. A produção industrial da União Soviética elevou-se de 73% em relação ao nível de antes da guerra e ultrapassou a meta de 48% prevista no plano. É uma grande vitória do socialismo, do trabalho criador e pacífico dos povos da União Soviética, atestando seu desenvolvimento sem paralelo na história da humanidade. A realização do plano é o mais vivo e eloquente testemunho da política de paz da União Soviética. A lei do desenvolvimento da sociedade socialista, ao contrário da lei do desenvolvimento do imperialismo, é a elevação incessante do nível material e cultural das massas

populares. A União Soviética tem assim interesses permanentes na defesa e manutenção da paz, que é uma necessidade fundamental para o desenvolvimento de sua economia do bem-estar e da cultura dos seus povos. Sua clara política exterior, mundialmente reconhecida, baseada na possibilidade de coexistência pacífica dos dois sistemas — o capitalismo e o socialismo — e as propostas propostas formuladas pela União Soviética, particularmente a que se refere à conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, demonstram o sincero anseio da União Soviética de garantir a paz de apresentar o campo comum para a colaboração pacífica entre os povos de todo o mundo. A União Soviética sempre lutou perseverantemente pela paz. Quando os imperialistas norte-americanos intensificam sistematicamente suas preparações para a guerra, ameaçando atacar o mundo na maior e mais sangrenta carnificina a União Soviética zela pela paz. Os povos de todo o mundo compreendem por isso o significado profundo das palavras de Stalin:

«No que respeita à União Soviética, esta continuará aplicando inalteravelmente a política orientada a impedir a guerra e a manter a paz.»

Atestado da força crescente do campo da paz e a resistência valerosa do heróico novo exército e dos bravos voluntários chineses ante os invasores americanos. Os golpes demolidores assentados às tropas intervencionistas ianques, que sofrem derrotas após derrotas, levam o desespero às hostes imperialistas. São os povos do mundo inteiro que resistem na Coreia à agressão americana, pois a causa que os coreanos e chineses defendem, com tremendos sacrifícios, é a causa da paz mundial, a causa da independência dos povos oprimidos pelo imperialismo. Sua luta vigorosa e abnegada, que aumenta de intensidade e assinala crescentes êxitos, vai abrindo brechas na abalada cadeia dos agressores. E é por ser justa a

PELA PAZ, PELA LIBERTACAO NACIONAL

(CONTINUAÇÃO)

Os interesses dos latifundiários e agressores imperialistas e de seus socios e agentes, os odiados latifundiários e grandes capitalistas que enriquecem à custa da miséria, do atraso, da ignorância em que vivem as grandes massas trabalhadoras de toda a América Latina.

AS CLASSES DOMINANTES QUEREM A GUERRA, MAS OS POVOS LUTAM PELA PAZ

A medida que se acentua a exploração imperialista agrava-se a situação das massas e aprofundam-se as contradições que abalam a ordem econômica e social desses países e ameaçam os interesses dos latifundiários, grandes negociantes, capitalistas e banqueiros ligados ao imperialismo e interessados todos na preservação da estrutura econômico-social semi-feudal e semi-colonial de todos os países latino-americanos.

É essa minoria reacionária que quer a guerra, na esperança de fazer bons negócios e de encontrar também uma saída para a situação econômica que se torna para eles cada dia mais ameaçadora em todos os países da América Latina — é o que precisamente nos ensina o camarada Stalin em sua histórica entrevista:

«Não somente os Estados Unidos da América e o Canadá aspiram ao desencadeamento de uma nova guerra, mas este caminho é igualmente seguido pelos vinte países da América Latina, onde os latifundiários e os negociantes anseiam por uma nova guerra em qualquer parte da Europa ou da Ásia, a fim de vender aos países beligerantes mercadorias a preços exorbitantes e ganhar milhões nesse negócio sangrento».

Além disto, temem seus povos e por isso tudo cedem ao governo de Washington de onde esperam o apoio econômico e a ajuda militar e policial que lhes permitam esmagar os movimentos populares. Mas apesar da subserviência crescente dos gov nos latino-americanos, todos eles enfrentam dificuldades cada vez maiores e vacilam quando se trat de realizar a prática certas exigências do imperialismo e algumas decisões que subscreveram.

Para impôr sua vontade o imperialismo emprega a pressão econômica, e quando julga conveniente prepara e desencadeia os golpes de Estado por meio dos quais substitui violentamente os governos «constitucionais» por outros dirigidos pelos seus agentes mais servis, como vem acontecendo em todo o continente com particular frequência a partir de 1947 e como sucedeu ainda agora no escandaloso golpe militar da Bolívia. Generalizam-se pelo continente os ditadores que governam baseados na força que fabricam as leis, e que ao mesmo tempo são governos provisórios, instáveis, que só se sustentam graças ao apoio externo assegurado pelo Departamento de Estado, do qual não passam afinal de meros empregados que podem ser expulsos a qualquer momento.

Nestas condições, iniciada a agressão criminosa do imperialismo na Coréia, nenhum governo latino-americano se sentiu com forças, ante a resistência popular, para satisfazer imediatamente as exigências ianques. Apesar das ditaduras, do estado de sítio, dos Dutra e Videla, so recentemente se encaminharam para a Coréia os primeiros soldados latino-americanos enviados por Laureano Gomez, da Colômbia. Os demais governos ainda vacilam. Fazem preparativos em segredo, é verdade, mas é evidente que recelam as consequências de qualquer medida prática determinando o embarque de soldados para a Coréia.

Foi fundamentalmente para enfrentar essa situação de fato, para exercer maior pressão sobre todos os governos latino-americanos e exigir deles novas medidas que acelerem o processo de colonização, de submissão à política de guerra de Washington e de intensificação dos preparativos belicos em toda a América Latina, que foi convocada por Truman a Conferência dos Chanceleres americanos recentemente realizada.

Trata-se assim de um novo passo, e dos mais decisivos, no desenvolvimento da política expansionista e agressiva do imperialismo americano no Continente, de mais um elo na cadeia dos preparativos de guerra dos Estados Unidos em todos os países da América Latina.

A CONFERENCIA DE WASHINGTON — CONFERENCIA DE GUERRA E COLONIZACAO

A finalidade da Conferência de Washington foi a de tomar, já agora, medidas práticas e efetivas para levar a América Latina à guerra que os imperialistas norte-americanos realizam na Ásia e pretendem levar na Europa. Estas medidas implicam na completa submissão dos nossos países ao domínio dos banqueiros e magnatas de Wall Street.

Que medidas adotou a Conferência de Washington? A Conferência de Washington adotou medidas de caráter militar, econômico e policial.

A discussão das providências de caráter militar ocupou lugar predominante nos debates. Neste terreno, a nota dominante foi o envio de tropas latino-americanas para a Coréia. Sofrendo duras reverses em sua infame agressão ao povo coreano, os imperialistas americanos puseram abertamente as cartas na mesa. Exigiram que nossos soldados sejam mandados à Ásia para servir de cobertura às tropas ianques, como já acontece com os soldados turcos, gregos, portorriquenhos e de outros países. Os capitalistas dos Estados Unidos querem, deste modo, que os jovens latino-americanos vão morrer na defesa dos seus interesses rapaces.

Mas não é esta apenas a razão da exigência americana. O envio de tropas para a Coréia é o primeiro passo efetivo para colocar os satélites dos Estados Unidos em pé de guerra, estimula a mobilização crescente de suas reservas humanas e de sua economia e prepara-os assim para participarem da guerra mundial projetada. Além do que, a participação

efetiva dos países latino-americanos na guerra permite desde já a ocupação das bases de todo o continente em caráter oficial pelas tropas americanas.

Esta exigência tanque da utilização de tropas latino-americanas serviu de base à resolução que determina a mobilização e o rápido treinamento de um exército continental a serviço dos Estados Unidos. A decisão é clara quando assinala:

«Cada uma das Repúblicas americanas deve dedicar particular cuidado à criação e manutenção de elementos, das suas forças armadas nacionais, treinados, organizados e equipados de maneira a poderem ser prontamente mobilizados: 1) para defesa do hemisfério ocidental; 2) para apoiar de maneira eficaz a ação das Nações Unidas».

Trata-se, sem dúvida, de um exército colonial sob o comando dos generais ianques e destinado à agressão na Ásia e na Europa. Por mais que se esforcem os imperialistas americanos e seus lacaios em desmentir a criação desse exército e os fins a que se destina os fatos o comprovam à evidência.

Se, conforme reza o próprio texto da resolução, as nações americanas devem formar, cada uma, contingentes treinados, organizados e equipados segundo o modelo norte-americano para serem empregados por determinação e sob o controle da chamada Organização dos Estados Americanos, e para atuarem como força regional, é evidente que se trata e um exército continental, ou seja, da reunião das forças militares de todos os países latino-americanos num único exército cujo comando real será exercido pelos generais de Truman. É, na prática, a realização do plano dos militaristas ianques visando a organização de um grande exército latino-americano a ser comandado pelo general Charles L. Bolte, que preside o atual Conselho Inter-Americano de Defesa.

A decisão tomada em Washington pelos governos americanos vai assim muito adiante sobre todos os compromissos já aceitos no Rio e em Bogotá. Naquelas Conferências, tratava-se apenas do compromisso de se unirem os países do continente para a «defesa» de qualquer país americano que fosse agredido por país não-americano. Não se cogitava da CRIAÇÃO de nenhuma força continental para ser posta à disposição de quem quer que seja. Foi este o passo considerável agora dado e que assinala a gravidade do novo compromisso assumido, quaisquer que sejam os desmentidos opostos pelos serviços de Wall Street que comunham a delegação do sr. Vargas à Conferência de Washington. Trata-se na verdade de colocar as forças armadas dos países da América Latina sob o controle total dos generais norte-americanos e do governo de Washington, podendo ser empregadas lá não apenas na «defesa» hemisférica, mas em qualquer parte do mundo, como exige Truman. Além disto, acitando formalmente que o exército continental deve seguir para apoiar de maneira eficaz a ação das Nações Unidas, vai essa decisão de Washington muito além das obrigações assumidas pelos signatários da

Carta da O.N.U. aprovada em São Francisco.

Como afirmava categoricamente em entrevista à imprensa o sr Raul Fernandes, em 5 de dezembro de 1950, o Brasil, como signatário da Carta de São Francisco, não tem «do ponto de vista jurídico» nenhuma obrigação de participar com forças armadas de qualquer ação empreendida pela ONU. Esclarecia ainda textualmente o Chanceler do sr. Dutra: «A própria Carta (da ONU) excetua a obrigatoriedade quanto a medidas que envolvam a participação de forças armadas».

É evidente que «do ponto de vista jurídico», agora, após a realização da Conferência de Washington e tendo em conta os termos da decisão firmada pelos delegados de todos os governos latino-americanos a situação já é outra. O compromisso jurídico está estabelecido e os vinte países da América Latina que pelos delegados de seus governos, já constituem na O.N.U. o bloco em si unido e fiel dos Estados Unidos, colocam agora suas forças armadas à disposição da O.N.U. que como disse o camarada Stalin:

«... é agora menos uma organização mundial do que uma organização para os norte-americanos, que atua segundo as exigências dos agressores americanos».

«... é agora menos uma organização para os norte-americanos, que atua segundo as exigências dos agressores americanos».

A CONFERENCIA DA GUERRA E ECONOMIA LATINO-AMERICANA

Centralizando sua atenção nas medidas de caráter militar, a Conferência de Washington não se limitou, porém, a este terreno. Preparou para uma guerra total e obtendo a colonização completa da América Latina os Estados Unidos tratam de apressar a mobilização de todos os imensos recursos das nações latino-americanas.

Sob o pretexto de conexão para a defesa do continente, as matérias primas consideradas de valor estratégico devem passar a constituir fundo comum das Repúblicas americanas o que quer dizer — dos Estados Unidos. O ferro, o manganês, o petróleo, o estanho, o cobre, etc., segundo as resoluções de Washington não podem ser recusados aos Estados Unidos, que são o único país da América capaz de industrializá-los. Ainda mais: os preços destas matérias primas não serão fixados pelos países produtores, ficando estes obrigados a aceitar os preços estabelecidos anteriormente impostos pelos americanos que, neste terreno, nenhuma concessão quiseram fazer, apesar dos rogos insistentes de quase todas as delegações latino-americanas. Chegamos assim a uma situação singular. Já não se trata apenas de um negócio comercial, mas de um verdadeiro assalto encoberto

to pelo eufemismo de «livre acesso às matérias primas».

Além disto, os países latino-americanos ficam obrigados a orientar sua economia já combatida para a produção de artigos essenciais à guerra. Os produtos necessários ao esforço bélico passam a ter prioridade sobre as mercadorias de consumo civil. É o que se lê numa das resoluções:

«No caso de produtos que sejam objetos de distribuições e prioridades, que afetem o consumo interno e sua exportação, será dada a prioridade à utilização dos referidos artigos na produção para a defesa da causa comum, inclusive à manutenção das reservas adequadas de materiais estratégicos».

As consequências dessa política serão desastrosas para toda a América Latina. Aumenta de maneira nautida a dependência em que se encontra a economia de todos os países latino-americanos da economia dos Estados Unidos — é intensificada a produção para a exportação com sacrifício do mercado interno e com imediato reflexo nos preços de todos os artigos de consumo popular. A pilhagem da América Latina assume novas proporções com a fixação dos preços de seus produtos de exportação, enquanto sobem sem limites os preços dos artigos industriais que compram aos Estados Unidos. Além disto, como o governo de Washington nenhum compromisso aceitou no sentido de garantir o valor aquisitivo das acumulações em dólares dos países latino-americanos, sofrerão estes países, de forma ainda mais intensa do que já sentem as inevitáveis consequências da inflação. Foi o que não deixou de assinalar o sr. Santiago Dai as, o delegado integralista do sr. Vargas, ao tentar abrandar a brutalidade colonizadora e guerrilheira de seus patrões quando discutiu em Washington:

«O que estamos procurando são medidas de defesa das nossas respectivas estruturas econômicas internas de modo a atenuarmos a emergência que nos poderá abalar e mesmo causar um colapso exatamente no momento em que nossa cooperação para a defesa for mais necessária».

Mas a esses e outros rogos ou lamentações, bem como aos apelos de todos os delegados dos governos latino-americanos pela «ajuda» americana, o sr. Charles Wilson, presidente do truste General Electric e atual mobilizador da economia americana, respondeu com brutalidade e arrogância. Na linguagem em que um «boss» trata seus lacaios, ele declarou alto e bom som segundo relata o correspondente do «Correio da Manhã»:

«Os Estados Unidos estão em perigo e, portanto, toda a democracia do continente está em perigo. O urgente é dar aos Estados Unidos o máximo de poderio militar. Isto se fará se os países do hemisfério ajudarem agora aos Estados Unidos e não se resolverem ajudá-los apenas na hora da emergência. Neste instante, portanto, falemos na emergência em que se encontram os Estados Unidos e não na necessidade de desenvolvimento econômico da América Latina».

(Continua na 2.ª pág.)

FARSA TRAGICA PARA ROUBAR AS TERRAS DOS CABOCLOS

Barra Velha, também chamada Bom Jardim do Monte Pascoal, é uma aldeia de caboclos, isto é, descendentes de indígenas, situada no município de Porto Seguro, no sul do Estado. Os caboclos ali vivem da caça, da pesca e do cultivo de suas rocinhas.

Há dois ou três meses, o capitão honório Borges, antigo de 30 anos de idade, chefe dos caboclos de Barra Velha, esteve no Rio, a fim de pedir ao presidente da República terrenos, roupas e dinheiro, para a aldeia. No Rio, o capitão honório foi afluente por um desconhecido, que, depois de fazer o contar sua vida, apresentou-se como engenheiro a serviço do governo federal, afirmando que iria, dentro em breve, a Porto Seguro, fazer nova medição das terras dos caboclos.

Efetuamente no dia 18 de Maio, o suposto engenheiro desembarcou em Porto Seguro, acompanhado de outro aventureiro, que se fazia passar por tenente do exército. Os dois acenaram aos caboclos com a promessa da terra — o que não foi difícil, pois já há algum tempo vinham sendo eles ameaçados de expulsão por parte de latifundiários da zona — conseguiram arrastar alguns caboclos ao assalto de uma casa comercial, na localidade de Corumbão, pertencente ao comerciante reacionário Rodrigues Cerqueira. A casa foi saqueada, e o comerciante ferido, a bala e a facão.

FARSA CINICA

Esse fato de pequena importância serviu de pretexto para que a polícia e a «sadia» iniciassem uma cinica farsa, visando justificar o terror e a violência desencadeada contra os caboclos. Os caboclos foram chamados de «bandoleiros», «bandos armados», etc., falou-se de ameaça de ocupação de cidades, assassinato de três fazendeiros, saque de fazendas, etc., num alarido que repercutiu na imprensa de todo o país. Para combater os «bandoleiros», foi designado o major Arsenio Alves de Souza, nazintegralista, anti-comunista ferrenho, cuja história é um longo rosário de violências contra o povo e que atualmente é o delegado regional de polícia em Ilhéus.

Chegando em Porto Seguro, o integralista Arsenio passou a enviar notícias alarmistas, falando em «combates violentos», «retiradas estratégicas», «operações de reconhecimento», etc, mandou pedir reforços, médicos e enfermeiros, mais munição, fez instalar uma estação de rádio, pediu a aviação Douglas, como se Porto Seguro fosse um campo de batalha. Tudo isso para massacrar os caboclos, que só dispunham de algumas espingardas improvisáveis, e carregar pela boca.

TIROTEIO ENTRE DESTACAMENTOS POLICIAIS

Todo esse noticiário não passou de cinica chantagem. O único combate realmente ocorrido foi travado entre dois destacamentos policiais o primeiro vindo de Porto Seguro, e comandado pelos Sargentos Altino Calmon de

(Continua na 2.ª pág.)

DANTON QUER TAPAR O SOL

Na escola zoológica de Agamemnon, Matosinhos, Fl. do Negro de Lama, Fl. do Itorero Monteiro, o Sr. Danton Coelho representa o Danton. Mas não deixa, por isso, de ser um espantoso repetitivo dessa tarefa.

De fato, muito se pareciam os nomes das classes de alunos que se passaram pela pasta de trabalho de Danton, Dutra e Getúlio. Seu método é o mesmo: tapar o sol com a mão.

Argumento: a mentira. Danton, no gênero, não tem mais seus antecessores. Acostumado às escamoteações que a paixão pelo jogo dá a certa espécie de jogadores, que tentam que se não faça justiça. Assim, é que, respondendo às duas a um requerimento de informações de Senado sobre a política sindical do governo, escreveu que sob sua gestão já foram tomadas as seguintes providências:

«Afastamento sumário da fiscalização policial as assembleias sindicais, extinção do sistema de ideologias, urgência para instrução e julgamento dos processos de recurso eleitoral, para os processos de registro e anotação das diretorias eleitas e para o exame das propostas orçamentárias e dos balanços.

«Tem muito peito o ministro de Vargas para afirmar tais coisas, e cego e cumplice o que aceita as suas afirmações. Se foi afastada a polícia dos sindicatos e extinto o atendimento de ideologias, que então a polícia poderia fazer?

«Danton não possui a posse da diretoria dos Sindicatos de Cartões e dos Empregados em Hóteis e Similares? Apenas porque Danton mantém, por ordem da embaixada americana via Getúlio, a polícia nos sindicatos e mantém do mesmo modo o atendimento de ideologia. Fora daí não há contestação. Danton quer tapar o sol com uma mancha. Mas não consegue, com suas mentiras, enganar os trabalhadores que sabem da verdade.

PRETENDEM REBAIXAR OS SALÁRIOS DOS OPERÁRIOS

Na fábrica de artefatos de cimento, de propriedade da firma Caruccio & Cia., localizada em Pelotas, Rio Grande do Sul, trabalham 16 operários. Os serventes percebem de 17 cruzeiros por dia até 26 cruzeiros. Seis operários trabalham na prensa, percebendo 35 cruzeiros, cinco deles, e o último 38 cruzeiros. Os Caruccio, cuja vida de esbanjamento e prazeres é muito conhecida na cidade, acham que os operários ganham demais e se propõem para que possam jogar mais no prado, comprar mais e voltar de corridas e automóveis do último tipo, resolveram rebaixar os salários dos operários. Assim é que pretendem impor a modificação do salário, de dia em dia, tarefa, mais a tarefa numa base que os trabalhadores não poderiam sequer obter, na jornada habitual de trabalho o salário que estão recebendo atualmente. E como dizia um operário: «A tabela dos padrões não dá para fazer a diária atual. «A citava exemplo da tabela número 12. Pela tabela, os padrões querem pagar 7,75 cruzeiros por metro. Por quatro metros — que é a tarefa de um dia — pretendem pagar, portanto, 31 cruzeiros. Menos de quatro cruzeiros do que o salário atual.

(CONTINUAÇÃO)

Tamanho cinismo dispensa comentários. A única coisa a corrigir é que, onde o Sr. Wilson fala em emergência para os Estados Unidos e a democracia no continente, se deve ler: ECONOMIA DE GUERRA, necessária à intensificação dos preparativos bélicos para a agressão que os Estados Unidos preparam na Europa e já realizam na Ásia. E é para tal emergência, criada e ali-

PLANOS PARA INSTAURAR O FASCISMO

A realização prática dessas medidas de caráter militar e econômico adotadas na Conferência de Washington tornará ainda mais penosa a situação econômica dos países da América Latina e provocará uma nova vaga de greves e lutas de massas. Ela por que a Conferência aprovou decisões de caráter tipicamente policial sobre o reforçamento da segurança interna e que visam, na verdade, a liquidação dos restos de liberdades democráticas, o esmagamento das forças progressistas, em suma, a instauração do fascismo nos países do continente.

Não há dúvida de que a resolução anti-comunista intitulada «Declaração de Washington» é dirigida em primeiro lugar contra os Partidos Comunistas dos países latino-americanos, vanguarda dos povos irmãos deste continente na luta pela paz e pela libertação nacional. Estão profundamente enganados, porém, os que pensam ser esta resolução dirigida apenas contra os comunistas. Ela tem por fim mobilizar as forças da reação para a luta contra todo o movimento pela paz, anti-imperialista e democrático, visa, aterrorizar as mais amplas camadas populares e dividir as forças da paz, separando-as na medida do possível da vanguarda consciente da classe operária que se encontra à frente da luta contra a guerra. Ela atinge diretamente, portanto, todo partidário da paz que se manifeste contra o envio de tropas para a Coreia; todo partidário que proteste contra a entrega de nossas riquezas aos trustes ianques; todo democrata que defenda as liberdades civis contra a ditadura fascista.

Com o anti-comunismo, que foi o traço característico da política dos hitlerianos e fascistas nas vésperas da segunda guerra mundial, pretendem os imperialistas norte-americanos e seus lacaios dos governos da América Latina arrastar nossos países às aventuras guerreiras de Truman, que quer fazer a guerra com o sangue de nossos povos.

Na realização dessa política já tomam os governos da América Latina medidas práticas que avançam em progresso crescente: perseguição aos dirigentes comunistas e populares, fechamento de organizações operárias e populares, de jornais que defendem a paz e a soberania nacional; adoção de leis fascistas contra os partidários da paz, patriotas e democratas; criação dos campos de concentração e aplicação da pena de morte para abafar os protestos populares.

Para isso, mesmo uma nova legislação penal foi prevista. Uma das decisões recomendada que a chamada União Pan-Americana, organização estrangeira com sede em Washington e dirigida pelos norte-americanos, faça estudos técnicos para definir os crimes de «sabotagem» e «espionagem comunista». Por que isto? É visível que se trata de nova modalidade de intrusão norte-americana nos assuntos internos de outros países, pois, de acordo com essa resolução, cabe na prática aos Estados Unidos fabricar as leis que devem ser aplicadas nos países latino-americanos. E a metrópole definida para as colônias o que deve ser considerado como crime de sabotagem e espionagem comunista: a resistência popular a ocupação do país, ao massacre de sua juventude e ao trabalho escravo.

É de notar que a introdução do trabalho escravo, sob o pretexto de mobilização econômica de emergência, é um dos fundamentos dessa resolução política. Não se trata aqui apenas do trabalho escravo às minas, nos campos e nas fábricas dos países latino-americanos, mas da arrematação compulsória de mão-de-obra escrava para trabalhar no estrangeiro, sob o chicote do patrão ianque. O órgão de Wall Street «Business Weeks» publicou um artigo, dias antes da realização da Conferência, no qual dizia textualmente que:

«Os Estados Unidos pedirão na Conferência de Washington o envio de trabalhadores e de soldados do nosso continente».

Todas essas medidas de caráter militar, econômico e político foram acompanhadas, na Conferência de Washington, de um intenso trabalho de propaganda ideológica, visando convencer os povos latino-americanos a participar da guerra e a aceitar a colonização dos seus países pelos Estados Unidos.

«Neste sentido foram adotadas medidas, no plano ideológico, para intensificar a campanha anti-comunista e anti-soviética e para propagar, em escala ainda mais ampla, as «cheias» do chamado estilo-de-vida americano e as «virtudes» da pretensa democracia ocidental.

AS CLASSES DOMINANTES DO CONTINENTE, SERVIÇAIIS DO IMPERIALISMO

As decisões da Conferência de Washington foram impostas pelo Departamento de Estado norte-americano e contaram com o apoio das delegações dos governos de todos os países latino-americanos. Os latifundiários e grandes capitalistas dos países da América Latina ansiavam efetivamente por uma nova guerra, na esperança de fazer bons negócios e de conseguir vencer, com o apoio do Estados Unidos, as dificuldades internas que os ameaçam e, justamente por isso, submetem-se cada vez mais ao governo de Washington, não poupando esforços para amarrar seus países, como caudatários, à política de guerra e de colonização do imperialismo ianque.

É certo que não deixaram de manifestar-se na Conferência queixas e ressentimentos mútuos, revelando certas contradições existentes no bloco americano que o governo de Washington dirige e se esforça por consolidar. Os próprios fazendeiros, grandes capitalistas e industriais latino-americanos nem sempre podem ocultar o descontentamento que lhes causa a brutal posição do Departamento de Estado que, em regra, nem presta atenção aos seus pedidos e reclamações.

PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

Mas a causa mais seria das vacilações de alguns governos latino-americanos está na atitude de seus povos, no desejo de paz e no sentimento anti-imperialista que crescem em todo o continente e obrigam os governos latino-americanos a manobrar, a encobrir na medida do possível sua subserviência ao governo dos Estados Unidos e muito especialmente os passos que, por imposição dos generais ianques, devem ser dados visando a preparação de forças armadas para a guerra.

Evidentemente não é zelo que talia aos governos reacionários da América Latina, cada dia mais subservientes ao imperialismo, mas todos eles sabem que as decisões aprovadas em Washington terão ainda de ser impostas aos seus respectivos povos. São decisões dos governos reacionários dos fazendeiros e grandes capitalistas servçais do imperialismo, mas contra elas se levantam todos os povos do continente.

NOSSOS POVOS ESMAGARAO AS DECISÕES DE WASHINGTON

O movimento anti-imperialista e democrático a a luta em defesa da paz desenvolvem-se em ritmo sempre mais acelerado na América Latina.

Levanta-se a classe operária em greves memoráveis contra a miséria e a exploração imperialista. São os mineiros das jazidas americanas de estanho da Bolívia que, numa greve heroica, enfrentam as balas assassinas de seus algozes e conquistam a vitória de suas reivindicações. São os ferroviários da Argentina que sustentam poderosa greve contra o governo de Peron, serviço de Truman, e impõem o respeito aos seus direitos. São os mineiros de salitre do Chile que, em luta contra os salários de fome, resistem com seus próprios instrumentos de trabalho às forças armadas contra eles enviadas pelo caracac Videla. São os ferroviários, mineiros e textéis do Brasil que se empenham em grandes lutas grevistas contra a miséria e a opressão dos governos de Dutra e Vargas, fantoches do imperialismo americano.

Lutam também os camponeses — os militares de camponeses do México que marcham sobre a capital do país em vigorosa parada da fome, os camponeses brasileiros de Pernambuco e do Nordeste que empunham armas contra os latifundiários, anunciando assim o despertar das massas de milhões de camponeses latino-americanos. Cresce, paralelamente, o movimento anti-imperialista contra a colonização de nossos países pelos Estados Unidos, contra a entrega de nossas riquezas aos trustes americanos, contra a presença de tropas ianques em nossos territórios. Com a solidariedade fraternal de seus irmãos de toda a América Latina, os bravos patriotas de Porto Rico erguem-se em armas contra o colonizador ianque. E por todo o continente se travam, cada vez com mais intensidade, lutas pelos direitos democráticos dos trabalhadores e do povo, contra as ditaduras fascistas impostas e sustentadas pelo Departamento de Estado.

Enfim, estende-se impetuosamente por toda a América Latina o grande e cada vez maior movimento popular contra a guerra. Mais de 10 milhões de latino-americanos assinaram o «Apelo de Estocolmo» apesar do terror policial desencadeado em nossos países contra os partidários da paz, dezessete dos quais já tombaram assassinados pelos governos a serviço dos traficantes de guerra. Em manifestações cada vez mais vigorosas, os povos da Argentina, do Brasil, do Chile e de outros países latino-americanos levantam seu energico protesto contra o envio de tropas de nossos países para a guerra na Coreia. Na cidade de Rosario toda a população participou da greve geral contra o embarque de forças argentinas para ajudarem os agressores ianques. Dezenas de milhares de brasileiros, em comícios, passeatas, abaixo-assinados e declarações públicas já manifestaram sua indignação contra o envio de tropas do Brasil para a agressão ao povo coreano.

Assim, seria falso confundir as obrigações assumidas por governos fantoches, governos anti-nacionais, com a opinião e a vontade dos povos latino-americanos. Nossos povos não querem a guerra, nossos povos odeiam a agressão imperialista. As vezes mais autorizadas da classe operária e dos povos do continente ergueram-se para dizer que não reconhecem os compromissos assumidos na Conferência de Washington. A greve de 70 mil trabalhadores de Montevideo, em 6 de Abril, e os protestos vigorosos levantados em todo o continente contra a Conferência e suas decisões pelas amplas massas trabalhadoras e populares da Argentina, do Brasil, do México, de Cuba, do Chile, do Uruguai e de outros países demonstram que estamos firmemente dispostos a lutar para defender a paz e barrar o caminho aos bandidos imperialistas.

Sob a pressão de Washington, os governos reacionários da América Latina não pouparam esforços para enganar seus povos e, combinando as armas do fascismo — a demagogia e o terror contra as massas e o mentiroso e calunioso tratado de levar à prática as decisões de Washington, de avançar no caminho da preparação prática para a guerra, visando sempre supreender os povos com fatos consumados até lanças-los no sorvedouro de uma nova guerra.

É intensificando e ampliando cada vez mais a luta pela paz, contra o envio de tropas para a Coreia, contra as decisões da Conferência de Washington, que os povos não de manter-se vigilantes e avançar no caminho da libertação nacional, concorrendo assim para impedir o desencadear de uma nova guerra mundial.

III — O GOVERNO DE VARGAS — GOVERNO DE GUERRA, DE COLONIZAÇÃO, DE FOME E OPRRESSÃO

Esta política de guerra do imperialismo norte-americano, imposta pelo seu diretor, o te-
soureiro e o consultor jurídico. A «igualdade de condições» com o capital nacional na exploração do petróleo é invocada silenemente pelos agentes da Standard que, fingindo-se inocentes, proclamam não desejar senão esse privilégio. Mas ao lado dessa Standard os representantes da Standard em evidência as decisões de Washington, insistindo na entrega do petróleo brasileiro sob a alegação de que ele é indispensável à defesa do continente e de que, no caso de guerra, os Estados Unidos se obrigam a suspender o fornecimento de petróleo para o Brasil. Os banquetes e recepções realizados em torno de sessenta representantes da Standard, aos quais compareceram desde o Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Ministro da Justiça, o Prefeito do Distrito Federal, até os mais destacados dirigentes dos partidos políticos e representantes dos grandes bancos, lavoura e comércio, mostram que as negociações marcham favoravelmente, sem levar em conta, porém, o sentimento patriótico de nosso povo, que há de repetir as jornadas de 1948 e recabar por varrer os vendilhões da pátria. E enquanto prosseguem as negociações para a entrega imediata do petróleo, o governo de Vargas passou às mãos de firmas americanas, subsidiárias da Standard, as jazidas e minas jazidas de xisto betuminoso existentes no Vale do Paraíba.

«Os Estados Unidos sempre emprestarão dinheiro ao Brasil para o desenvolvimento de sua economia, se houver a participação de nosso país na guerra, com o envio de alimentos, homens e principalmente ferro gusa, manganês e outros minerais, se possível industrializados, pois de apoio moral os Estados Unidos estão cheios».

Compreende-se assim as causas profundas da política de tração nacional do Sr. Vargas, que tudo faz para arrastar o nosso país à guerra.

ACELERAM-SE OS PREPARATIVOS DE GUERRA

Os imperialistas incumbiram a Vargas de preparar o país aceleradamente para a guerra, e por isso os preparativos militares se realizaram a toque de caixa. Além da compra de dois velhos cruzadores americanos por 700 milhões de cruzeiros, Vargas anunciou a compra de mais alguns destróieres para a Marinha e solicitou para fins militares outros créditos que perfazem cerca de dois bilhões de cruzeiros. Demonstrando a realização de um programa de guerra, Vargas em

ENTREGA DO PAIS AOS BANQUEIROS IANQUES

Os imperialistas exigiram a entrega total de nossas riquezas naturais e o governo de Vargas vai realizando o programa das experiências ianques.

Acordos e negociações que abrangem as principais reservas minerais brasileiras são concluídos e, em consequência, os senhores de Wall Street apossam-se dessas reservas. Sob a cobertura da sociedade «brasileira» Indústria e Comércio de Minas, a Bethlehem Steel Co. conseguiu assessorar-se definitivamente dos ricos depósitos de manganês do Amapá. E, não satisfeito com a concessão, o governo do Sr. Vargas solicitou ao Congresso autorização para garantir um empréstimo de 35 milhões de dólares a ser concedido à Bethlehem Steel pelo Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, destinado à intensificação da exploração do minério, que é enviado à máquina de guerra norte-americana sem nenhum proveito para o nosso país. As reservas de áreas monacíticas, tão bastante desfrutadas pelo governo de Vargas. Há algum tempo, os imperialistas haviam conseguido do governo brasileiro uma lei proibindo a exportação das areias por firmas particulares, para evitar que as mesmas fossem vendidas a outros países e por preços mais compensadores. A lei assegurava o monopólio da exportação ao governo, mas tão somente em casos excepcionais. Discussões foram agora iniciadas, e Washington já anuncia que as mesmas resultaram em contratas para fornecimento de quantidades brasileiras em troca de equipamentos para sanar a escassez deste artigo nos Estados Unidos. Apoiada na resolução XIII da Conferência dos Chanceleres, que trata da cooperação de emergência, volta a Standard a exigir a entrega imediata do nosso petróleo. Negociações vêm sendo conduzidas nesse sentido entre o governo de Vargas e uma comissão especial da Standard que visita o Brasil.

«Do Exército norte-americano — 1 major-general, 6 coronéis, 21 tenentes-coronéis, 16 major, 18 capitães, 2 tenentes, 51 sargentos.

«Da Força Aérea norte-americana — 1 major-general, 17 brigadiere-gal., 6 coronéis, 17 tenentes-coronéis, 14 major, 19 capitães, 2 tenentes, 59 sargentos.

«Da Marinha norte-americana — 1 almirante, 12 comodoros, 9 capitães de mar e guerra e mais 95 oficiais inferiores e sargentos.

Nestas duas cidades exercem ainda suas atividades em funções militares mais 81 civis norte-americanos, entre os quais dezenas de agentes do F.B.I. No Nordeste crece o contingente de tropas americanas que, camuflada ou abertamente, ocupam nossas bases.

É em ligação com tais preparativos de guerra em nosso país que viajou aos Estados Unidos o general Estilic Leal, Ministro da Guerra de Vargas. Sua viagem teve por finalidade ultimar os entendimentos resultantes da Conferência de Washington, segundo os quais o Brasil deve participar da agressão na Ásia e subordinar ainda mais suas forças armadas aos imperialistas americanos.

Mas a preparação do país para a guerra vai sendo feita

em silêncio, porque o povo não quer a guerra. As medidas são tomadas em segredo para serem apresentadas depois como fatos consumados. Durante a Conferência dos Chanceleres, segundo testemunho inuspeito, alguns delegados latino-americanos jogaram das dificuldades que seus países encontrariam para o envio de tropas à Coreia, em face da opinião pública contrária. Diante da pressão norte-americana, porém, esses delegados puseram-se a buscar meios de atender aos padrões, surgindo para cada país uma solução imediata. Qual a solução encontrada para o caso do Brasil? Agir clandestinamente na remessa de tropas. Decidiram, assim, que um dos dois cruzadores recém-adquiridos iria diretamente dos Estados Unidos para a Coreia e que, com igual destino, poderia seguir de imediato um grupo de aviação e um regimento de fuzileiros navais, tropa profissional que dispensa convocação especial. Quando o Sr. João Neves, após concertar tais planos, declarou a fim de iludir as massas que nada fora resolvido na Conferência sobre o envio de tropas brasileiras, está aplicando aquela tática hipocrítica inspirada nos métodos do imperialismo ianque: diz uma coisa e faz outra diferente.

Mostram assim os fatos que Vargas põe em prática as ordens de Washington e acelera os preparativos de nosso país para a guerra. Mas isto não corre por acaso. O clima de guerra criado por Wall Street, que se estende por todo o mundo sob o domínio norte-americano, favorece aos grandes capitalistas e latifundiários realizarem seus mais lucrativos negócios à custa da miséria das massas.

Segundo estatísticas oficiais, fazendeiros de café, em 1950, obtiveram 41% de lucros sobre o capital, contra 16% em 1949; os grandes plantadores de algodão conseguiram 12% de lucro contra 4% no anterior; os pecuaristas alcançaram 19% contra 3% em 1949.

Quanto aos industriais, as Indústrias Maratrazz obtiveram no ano passado, sobre um capital de 600 milhões, o lucro líquido de 318 milhões de cruzeiros. A S/A Industrias Vo. torantim teve em 1950 um lucro líquido de 46% e a companhia Orquina obteve cerca de 100% de lucros sobre o capital.

Os bancos, que refletem de modo geral o índice dos negócios, tiveram no ano de 1950 lucros líquidos de 21,5% em relação com o capital mais reservas, contra 17,5% em 1949 e algo menos nos anos anteriores. O encalhe dos bancos, entre 1949 e 1950, aumentou de 42% e o número de bancos que mantêm reservas líquidas de mais de 200 milhões de cruzeiros triplicou no mesmo período.

É a um rápido quadro que demonstra claramente a quem interessa a guerra.

Mas se as medidas de preparação da guerra trazem lucros para alguns, se enriquecem fabulosamente a minoria de exploradores, acarreiam, de outro lado, a extensão sem limites da miséria para as grandes massas.

Pode-se compreender o que significa para as massas a preparação de guerra se se considera que os armamentos e artigos de uso militar, fabricados pelos grandes trustes norte-americanos, subiram exageradamente de preço. Segundo dados extraídos da revista ianque «U.S News & World Reports»:

— Um bombardeiro pesado, que custava no fim da guerra passada 820 mil dólares, custa hoje 3 milhões e quinhentos mil dólares;

— Um canhão de 105 milímetros, que custava naquela época 40 mil dólares, é vendido hoje por 145 mil dólares;

— Um destróier, que era vendido há 5 anos por 7 milhões de dólares, custa hoje 15 milhões de dólares;

— Uma carabina, que custava 35 dólares, custa hoje 64 dólares;

— Uma simples camisa de algodão, de 2 dólares, subiu para 4 dólares.

Como pode o nosso país, pobre de recursos financeiros, arcar com tão grandes despesas? É evidente que despesas dessa envergadura só podem ser realizadas à custa de pesados impostos sobre os consumidores, da emissão de papel moeda, do corte das verbas orçamentárias de interesse público em proveito das verbas militares, e amanha, à custa também dos empréstimos forçados sobre os trabalhadores como já aconteceu na última guerra.

A consequência desta preparação de guerra é que se torna cada vez pior a situação da classe operária, dos camponeses pobres, da pequena burguesia urbana. Os preços dos gêneros alimentícios sobem cada dia, e muitas vezes, de tão elevados, tornam-se grave problema para a economia dos alimentos, obrigando-os a morar em comedouros e quartos ou ruelas. Comprovando esses fatos, a revista «Conjuntra Econômica» de março, do corrente ano assinou, como nome para que seja muito quem de realidade, um aumento de car-

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

De fato, os latifundiários, os grandes capitalistas e as empresas estrangeiras estão obtendo lucros cada vez maiores nos negócios de guerra, com o desatendimento dos interesses vitais do nosso povo, a quem todo falta.

A Light declara publicamente em jornais de Toronto que seus lucros em 1950 atingiram um valor maior de 600 milhões de cruzeiros (33.222.000 dólares), ou sejam 2 milhões e 500 mil dólares mais do que no exercício anterior. A Standard Oil obteve um lucro líquido de 120 milhões. A Belgo Mineira obteve 126 milhões. As quatro grandes fábricas de pneus (Good-Year, Firestone, Pirelli e Dunlop) alcançaram em 1950 um lucro líquido de 853 milhões de cruzeiros sobre um capital de 816 milhões, isto é, mais de 90%.

«O rápido encarecimento do custo da vida no país é consequência, de um lado da política de preparação para a guerra do governo, política que exige despesas cada vez maiores, organismos militares agrigantados que deturham os déficits orçamentários, e as emissões contínuas de papel moeda; e de outro lado, consequência direta da inflação de guerra nos Estados Unidos, particularmente sensível em nossa terra devido ao grau de dependência ao imperialismo em que já foi colocada toda a economia do país».

Sem dúvida, a carestia da vida resulta também da ganância sem limites, da sede de lucros extraordinários dos grandes capitalistas e autônômicos, que capotram terrivelmente as massas e são protagonistas do clima de repressão contra o povo instaurado pelo governo. Os camponeses do Triângulo Mineiro mantêm empunhada o arroz que produziam, porque meia dúzia de acúmbarcosos queiram lucrar com a venda de um saco de 60 quilos por 70 a 130 cruzeiros, quando o preço do custo, para o camponês, é de 143 cruzeiros. Enquanto isto, no Distrito Federal, um quilo de arroz custa de 6 a 8 cruzeiros! O preço do açúcar vem se elevando sistematicamente de ano para ano. Mas esse aumento de preço não é provocado por aumento nas despesas de produção apenas. É ditado primeiro de uma política de guerra e de submissão do país

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

«Um comércio exterior — afirma a revista — desastrosamente limitado até o mês de junho, ampliou-se rapidamente desde a guerra na Coreia. O comércio de nova configuração não versa e a alta das matérias primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sobre todos os nossos produtos de exportação».

DOS CLASSICOS

Som dominar todos os meios de luta, podemos correr o risco de sofrer enorme derrota, às vezes decisiva, se outras classes não se unirem em nome da ação, na qual somos particularmente débeis. Se possuirmos todos os interesses, não há dúvida que, no momento de uma revolução, a classe realmente avançada, realmente permitam fazer ainda no caso de que as circunstâncias não nos permitam fazer uso de arma mais perigosa para o inimigo, da arma capaz de asseter golpes rápidos e mortais.

Os revolucionários inexpressivos imaginam à nuide que os meios legais de luta são operários, porque neste terreno (aberto nos períodos chamados «pacíficos», nos períodos de normalidade), a burguesia enganosa e mistificadora com uma frequência particular os operários, que os procedimentos legais são revolucionários. Tal afirmação, entretanto, não é justa. O justo é que os oportunistas e traidores da classe operária são os partidos e os chefes que não sabem ou não querem (não digas nunca: não posso, mas: não quero) aplicar os procedimentos legais numa situação como a da guerra imperialista de 1914-18, por exemplo, na qual a burguesia dos países democráticos mais livres enganava os operários com uma insólita e crueldade nunca vistas, proibindo que se desse a verdade sobre o caráter de rapina da guerra. Mas os revolucionários que não sabem combinar as formas ilegais de luta com aquelas as formas legais são mais revolucionários. Não é difícil ser revolucionário quando a revolução já estalou e se acha no auge, quando todos e cada um aderem à revolução por entusiasmo, por moda e às vezes por interesse pessoal e desejo de fazer carreira. Ao proletariado custa muito, produz duras penas, origina verdadeiros tormentos desfazer-se, depois de seu triunfo, de revolucionários. É infinitamente mais difícil — e muitíssimo mais meritório — saber ser revolucionário quando a situação não permite ainda a luta direta, franca, a verdadeira luta revolucionária, saber defender os interesses da revolução (através da propaganda, da agitação, da organização) em instituições não revolucionárias e a miúdo simplesmente reacionárias, na situação não revolucionária entre massas incapazes de compreender imediatamente a necessidade de um método revolucionário de ação. Saber encontrar, perceber, determinar, avaliar e concretar a marcha e a modificação brusca dos acontecimentos essenciais de conduzir a massa à grande e verdadeira luta revolucionária final e decisiva, é isto que consiste a missão principal do comunista contemporâneo na Europa Ocidental e na América.

(do Livro «A Revolução Infantil do comunismo» de Comunistas)

py. central

GREVE METALURGICOS EM BELEM DO PARA

O proletariado do Pará, na fase de lutas que desencadearam há pouco mais de um mês pela conquista de suas reivindicações, dão novas demonstrações de que não estão dispostos a aceitar a política de fome e de guerra que Getúlio quer impôr ao povo.

Depois da vigorosa greve dos têxteis da fábrica Confiança e das poderosas manifestações dos trabalhadores do porto contra a penetração imperialista lanque na navegação do Amazonas, que está levando ao descabro as companhias nacionais e os SNAPP, refletindo-se diretamente na sua situação, são agora os operários metalúrgicos dos estaleiros Camelier que levantam a bandeira da greve como única solução para a conquista das suas reivindicações.

A greve atinge cerca de 100 operários, que exigem um aumento de 100% nos salários, e foi deflagrada depois de vários meses de inútil espera para uma solução de seus problemas, através de entendimentos diretos com os patrões. Um memorial onde eram expostas as reivindicações dos metalúrgicos, foi rejeitado pelos patrões.

Os estaleiros encontram-se presentemente sob ocupação policial. O presidente local da Justiça do Trabalho, Chaves Neto, juntamente com o chefe de polícia, o espancador de operários Daltro da Silveira, tentaram forçar os trabalhadores, aos gritos, a retornar ao serviço, mas foram vigorosamente perseguidos.

O deputado popular Tribuna da Rocha falou na Assembléia Legislativa, em nome dos grevistas, pedindo a solidariedade dos parlamentares ao movimento e denunciando a política de fome e de guerra posta em prática pelo governo de Getúlio-Zacharias de Azevedo. A União Geral dos Trabalhadores do Pará está iniciando um amplo movimento de ajuda e solidariedade aos grevistas.



PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

(CONTINUAÇÃO)

Equipamento pela sede de maiores lucros dos usineiros e refinadores, organizados no chamado Instituto do Açúcar e do Alcool, são expressivos os seguintes dados, colhidos num órgão de imprensa tão reacionário como o «Correio da Manhã», que discriminam o lucro líquido, nestes últimos anos, de duas grandes refinarias de açúcar do país:

CIA UNIAO DOS REFINADORES

1946	12%
1947	14%
1948	21%
1950	27%

REFINARIA TUPI

1946	12%
1947	27%
1948	26%
1950	37%

Não é evidente a relação entre o aumento dos preços e o aumento dos lucros dos magnatas do açúcar? O aumento do preço do açúcar para elevar os lucros dos usineiros e refinadores é simplesmente um crime do governo dos tubarões contra o povo.

LUTA A CLASSE OPERARIA, LUTA O POVO BRASILEIRO

Nesta situação de fome, de preparativos guerreiros, de entrega total do país aos imperialistas dos Estados Unidos não pode deixar de gerar um extenso e profundo descontentamento entre as massas trabalhadoras e populares.

Ao lado destas condições objeivas, a política de nosso Partido, esclarecendo as massas sobre as causas desta situação e orientando-as para a luta, assim como a atividade dos comunistas, exercem influencia cada vez maior sobre as massas e são fatores essenciais para impulsionar suas ações.

Grandes massas, em todo o país, vêm demonstrando de maneira cada vez mais clara sua inquietação e começam a lutar com maior energia. Apesar do terror policial, realizaram-se na praça pública, em varios pontos do país, ações corajosas de protesto contra as decisões da Conferencia dos Chanceleres. A 1.ª e 2.ª destas ações, os abaixo-assinados, telegramas e moções vindos das fabricas e usinas, dos bairros, do campo, das escolas, assim como as declarações publicas de personalidades contra as resoluções de Washington, contra o envio de tropas à Coreia e pela libertação de Elisa Branco, a heroica mãe brasileira, testemunham que o nosso povo se opõe cada dia mais à política de guerra e de colonização do país.

A classe operária utiliza em escala crescente a arma da greve contra a situação de fome e miséria em que vive. Os movimentos grevistas sucedem-se em todo o país: dos ferroviários e tranviários do Rio Grande do Sul; dos trabalhadores do Frigorífico de Barretos, em São Paulo; dos têxteis, em Belem do Pará; dos trabalhadores da industria de papelão, em Pernambuco; dos ferroviários da Cia. Paulista, em Rio Claro, São Paulo; dos têxteis de Magé e dos trabalhadores da Usina Cupim, em Campos, Estado do Rio; dos operários das fabricas de tecidos do Rio Tinto e da fabrica de cimento Mattarazzo, na Paraíba, etc. Estas greves, realizadas contra a feroz exploração patronal e desenvolvidas em meio a choques com a reação policial, constituem uma viva demonstração de que a classe operária está disposta a detender na luta os seus mais sagrados direitos.

Surgem-se também as massas camponesas contra a ex-

ploração da terra, por terias remuneradas, pela livre venda dos produtos, etc., em S. Paulo, no Norte do Paraná, no Triângulo Mineiro, no nordeste do país, chegando algumas vezes a choques violentos com a reação imperialista assinalar ainda as primeiras ações dos retirantes do Nordeste, que começam a ocupar cidades e fazendas para obter alimentos com que matar a fome.

Em todo o país, vai crescendo assim a onda de protestos contra a guerra, a colonização, a carestia da vida.

Ganha impulso, por outro lado, o movimento pela anistia aos presos, processados e perseguidos politicos, movimento que já registra importantes adesões. Tem-se verificado inúmeras manifestações, inclusive de Câmaras Municipais, a favor da legalidade do Partido Comunista, do reconhecimento da URSS e da China popular. É a campanha pela coleta de 5 milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz principia a desenvolver-se. Além do que, como já assinalava o Informe de Fevereiro do C. N., são cada vez mais numerosos os setores das massas getulistas que perdem a ilusão em Vargas.

Estes fatos são significativos. Muito embora as lutas estejam ainda aquém das possibilidades, é evidente que a classe operária e as massas populares erguem-se para lutar e demonstram abertamente o seu descontentamento, que cresce. Nestas lutas as massas buscam um caminho. Seus anseios de paz de independência nacional, de democracia e melhores condições de vida chocam-se com a política sempre mais acentuada de guerra, de fome e opressão dos imperialistas americanos, realizada no país pelo governo de Vargas.

Esta contração tende aprofundar-se com muita rapidez. É da a fascistização crescente do país, das duas faces da política de Vargas: demagogia, de um lado, e reação, do outro. De fato, Vargas intensifica a reação em todo o país. Ele visa sucocar a revolta do povo contra o envio de tropas à Coreia, o descontentamento crescente das massas contra a carestia provocada pelas despesas militares e pela inflação, a repulsa dos brasileiros contra a ocupação do nosso solo e a entrega das nossas riquezas aos americanos.

Sob a supervisão direta do B. B. A., Vargas manda reprimir, pela força, os protestos populares contra a realização da Conferencia de Washington e ocupar os locais de reuniões públicas pelas forças armadas. As prisões se enchem cada vez mais. Em São Paulo, além de Elisa Branco, novos partidários da paz são encarcerados e submetidos a processos por haver protestado contra as decisões da Conferencia de Washington. Os métodos de tortura nazista voltam a ser empregados. Como há pouco denunciou um jornal de S. Paulo, a policia naquele Estado está usando «churrasqueiras» — uma chapa cuja temperatura, subindo gradativamente, vai queimando a carne dos detidos — e «maquinas de choques» para submeter os presos ao suplicio de choques elétricos, além dos antigos métodos de tortura nazistas e lanques já bem conhecidos.

Fondo já em pratica, as resoluções da Conferencia de Washington, investe o governo de Vargas contra as organizações populares e democráticas. O Congresso dos camponeses de Capinópolis, no qual camponeses cruelmente explorados iam reunir-se pacificamente para pugnar por melhores condições de vida, foi impedido pela policia e pela ocupação militar de estradas e centros

camponeses sofrendo os trabalhadores do campo e suas famílias perseguições e vexames brutais. O governo tenta também impedir o livre funcionamento do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, da Federação Nacional de Mulheres, e do Centro de Defesa do Petróleo, enquanto o Departamento de Ordem Política e Social se desbraga na publicação de notas provocativas e ameaças contra o Festival da Juventude Brasileira e contra a campanha popular por um Pacto de Paz. E' posto em pratica as decisões de Washington, que o governo de Vargas manda expedir mandado de prisão contra os dirigentes do nosso Partido, contra o querido líder do povo brasileiro Aumentam também as ameaças à imprensa democrática e patriótica, e as buscas e apreensões se sucedem com maior frequência, enquanto a imprensa reacionaria tem carta branca para fazer a mais descarada propaganda de guerra e colonização, caluniar a URSS e os partidários da paz.

O sufocamento das liberdades democráticas, visando impedir que a verdade seja conhecida, ao lado da mais cínicapropaganda da politica imperialista, são elementos indispensáveis ao que chama o governo de «preparação da opinião publica» para o envio de tropas à Coreia.

Mas não é tudo. Grave ameaça à liberdade dos trabalhadores e, também, a tentativa de introdução do regime militar nas empresas, anunciado por Vargas em sua mensagem ao Congresso. Argumentando que ao conceito de serviço militar obrigatório se deve opor o de serviço nacional obrigatório, diz ele:

«Embora nem todos os nossos patriotas, em idade do serviço militar sejam incorporados às fileiras, devendo sua grande maioria ser mantida nos locais de trabalho, entregue aos arazeres costumeiros, a verdadeira permanente supervisão da autoridade militar, responsavel pelo preparo da segurança nacional.

O que esta implicado neste breve trecho da mensagem do governo de Vargas e o regime de trabalho forçado, são as penalidades impostas pelo Conselho de Guerra, são restrições mais brutais aos direitos do proletariado.

O terror crescente contra o povo, e, assim, um dos elementos principais da politica de Vargas. Mas, outro elemento de não menor importancia utilizado por Vargas, em larga escala, é o recurso à demagogia.

Diante da crescente movimentação das massas, do descontentamento popular que se avouma e prenuncia ações revolucionarias, Vargas faz manobras para enganar as massas pronuncia repetidos discursos para justificar o atual estado de coisas e chega até mesmo a derramar lagrimas de crocodilo. Exemplo claro dessa politica demagogica é a plataforma com que se apresentou ao povo e, particularmente aos trabalhadores, no dia 1.º de Maio. Em seu discurso, Getúlio ataca os tubarões, mas tubarões são os seus auxiliares mais próximos, os srs. Lafer, Cleofas e Jafet, sem falar nele próprio, hoje o segundo ou terceiro criador de gado do país, o maior abastecedor dos frigorificos do Sul que exportam carne para o estrangeiro. Com um cinismo espantoso, apela aos trabalhadores para que não o deixem ficar prisioneiro, no governo, esse tubarão que de mesmo

escolheu aos entendimentos secretos com os grandes capitalistas e latifundiários que o apoiam. Chama a classe operaria para os sindicatos ministerialistas que, como diz, devem participar do governo, acerca aos trabalhadores do campo com a extensão da legislação social e aos camponeses com o estímulo à produção.

Enquanto que estas são as suas palavras, quais são as realidades os seus atos? Ao mesmo tempo que convoca os operários para os sindicatos, Getúlio manda fechar a Associação dos Trabalhadores de Barretos, por haver dirigido uma greve contra os tubarões do Frigorífico Anglo. Ao mesmo tempo que fala em luta contra a carestia, lança contra os ferroviários gauchos, em greve por aumento de salários, tanques e metralhadoras do Exército. Ao mesmo tempo que promete entregar os sindicatos aos trabalhadores, exige um mal distarçado cateado de ideologia para os candidatos a diretorias dos sindicatos, e o imposto sindical é empregado em bacanais passeios à Europa e aos Estados Unidos pelos pelegos ministerialistas. Ao mesmo tempo que promete estímulo à produção, adreço no Triângulo Mineiro, o arroz dos camponeses, vítimas da ganancia dos açambarcadores protegidos pelo governo, e os empréstimos do Banco do Brasil continuam sendo feitos exclusivamente aos grandes fazendeiros produtores dos artigos de exportação.

Pode achar-se «prisioneiro» quem age com tanta desenvoltura contra os interesses do povo? Claro que não. O que que o sr. Getúlio Vargas, isto sim, é fazer prisioneiros da politica do governo os trabalhadores da cidade e do campo, impedir que marchem pelo caminho da luta revolucionaria, a unica que pode resolver efetivamente seus problemas.

Demagogia e reação crecentes são, assim, as duas faces da mesma politica de Vargas, são o duplo gume da arma que maneja contra os trabalhadores e o povo, na esperança de poder manter por mais tempo os privilegios das classes que ele representa e de poder melhor servir à politica de guerra e colonização dos imperialistas norte-americanos.

Por outro lado, sempre perseguindo o mesmo objetivo de enganar as massas, alguns setores da UDN e o demagogo Ademir de Barros fazem-se de opositoristas, de democratas, de defensores do povo. São elementos que, apoiando integralmente a politica de guerra do imperialismo no país buscam, no entanto, através de uma atitude opositorista fazer pressão sobre o governo de Vargas com o objetivo de conseguir melhores posições no aparelho estatal. Essa oposição, que a si mesma se denomina de democrática, mas que nenhuma atitude toma em defesa da paz e contra a repressão aos movimentos populares, aspira a colocar sob sua influencia as grandes massas que se vão desiludindo com a politica de Vargas. Utiliza, neste sentido, a mais desenfreada demagogia. Como as massas demonstram cada vez mais abertamente seu ódio ao imperialismo lanque, o demagogo Ademir, por exemplo, não vacila, de acordo com os próprios banqueiros de Wall Street, em atacar de palavras o imperialismo americano. Seu jornal «A Época», de São Paulo, abre manchetes espetaculares contra uma possível ocupação da America Latina por tropas americanas, na mesma ocasião em que Ademir confia-

bulava com Rockefeller nos Estados Unidos e taxa negociações secretas com os imperialistas lanques. Do mesmo modo quando as massas trabalhadoras na zona do B. Francisco são ameaçadas pelo desemprego com a paralisação das obras do Plano SALT, a UDN se arvora em defensora intransigente desses trabalhadores, faz grande alarde em torno do problema, ao mesmo tempo que, no Parlamento, enormes verbas para fins militares, que ocasionam efetivamente a paralisação das obras, é que, fingindo-se opositoristas, esses elementos procuram explorar o descontentamento das massas para ver se conseguem arrastá-las e, assim, desviar-las do caminho revolucionário, ao mesmo tempo que se preparam de acordo ainda com o imperialismo, para substituir Vargas, caso sua permanencia no poder, com o crescimento de sua impopularidade, se torne prejudicial à segurança dos interesses norte-americanos no país.

Nada têm que ver tais elementos ou partidos com os verdadeiros interesses de nosso povo. São elementos ou partidos das classes dominantes e, no momento, braço esquerdo e reserva politica dos imperialistas. Eles devem e podem, portanto, ser desmascarados e isolados através das lutas de massas pela paz, contra o imperialismo, a reação e a miséria.

Tal é o quadro da situação politica nacional. Tal é o governo de Vargas — governo de guerra, de colonização, de fome e de opressão. Que perspectiva nos apresenta esse quadro?

Não pode haver duvida que a classe operaria e as massas populares, dirigidas pelo nosso Partido, assestarão golpes cada vez mais serios à politica criminosa dos que dirigem o país.

A marcha para a guerra e para o fascismo não é uma realidade diante da qual nada se pode fazer. Muito ao contrario. A luta enérgica das massas pode deter e esmagar a — e smagar certamente — os inimigos do nosso povo. Na execução de tão monstruosos planos contra os sagrados interesses da nação, são deves e cada vez mais deves as classes dominantes em nosso país. Em que pese todo o seu esforço e os recursos a utilizar, não poderão atacar com êxito, simultaneamente, os operários que reclamam pão, os camponeses que desejam a terra, as mães que não querem seus filhos sacrificados na guerra, os jovens que desejam viver e não morrer como servos do imperialismo, os pequenos e médios produtores ameaçados pela ruína total, os patriotas que não querem ver a patria sob o tacão do opressor estrangeiro, os que amam a paz, a democracia e o socialismo.

Somos mais fortes, e disto precisamos ter plena consciencia. A classe operaria e as massas populares, na luta, podem obter êxitos crescentes, impôr sua propria legalidade e fazer valer, por cima de toda sua vontade soberana.

Desta compreensão profunda de que somos mais fortes e de que, lutando, podemos esmagar os planos de guerra, colonização e fascismo dos inimigos de nosso povo, é que, cada um de nós precisa estar armado para orientar-se com segurança e executar as tarefas que nos competem.

(Continúa na 2ª pág.)

PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

FARSA TRÁGICA

(CONTINUAÇÃO)

IV — NOSSAS TAREFAS

A análise da situação mundial e nacional que acabamos de fazer confirma plenamente o que já disse o nosso Partido e que já disse o Manifesto de 1.º de Agosto:

Os acontecimentos se precipitam e é evidente que se aproximam das decisões que exigem de nós mais ação e vigilância.

O perigo que ameaça a vida de nosso povo são cada dia maiores. Um governo de fração nacional, governo de fazendeiros e grandes capitais, serviços do imperialismo, tudo isso nos provocou a guerra de Varsóvia. O perigo de preparativos para a guerra é intensificado, e com isto agrava-se dia a dia a situação de miséria das massas e novos passos no caminho da reação fascista vão sendo dados pelo governo de sr. Vargas — e novo lutar, como já previa o nosso Partido.

Simultaneamente, no entanto, as mais amplas camadas da população de país e estrangeiros rapidamente e manifestam, com vigor crescente, que não estão dispostas a morrer de fome nem a ir verter seu sangue nas aventuras guerreiras do imperialismo. As grandes massas trabalhadoras lutam contra a miséria, exigem maiores salários, e desta forma lutam na verdade contra a política de guerra e anti-nacional do governo Vargas, cuja impopularidade cresce rapidamente.

Diante da contradição que se agita no país entre as forças populares, democráticas e patrióticas, de um lado, e a linha reacionária que governa o país, de outro, a solução revolucionária apresentada pelo nosso Partido no Manifesto de Agosto revela-se cada vez mais como a única justa, a única que realmente atende aos interesses das mais amplas massas trabalhadoras e de todos os patriotas que não se conformam com a colonização total do país pelos monopólios americanos.

Colocando-nos com audácia à frente da classe operária e das grandes massas populares, esclarecendo-as e levando-as à luta em defesa da paz, pela libertação nacional e a conquista da democracia popular, pela entrega da terra aos camponeses, pelo combate das empresas imperialistas, pela nacionalização dos serviços públicos, pela melhoria da situação das grandes massas trabalhadoras, e que conseguiremos unir e organizar a melhor força revolucionária de nosso povo e levá-la a vitória sobre o imperialismo e as forças da reação de paz.

Um das grandes tarefas do nosso povo, em torno do Programa de 9 pontos do P.O.L.N. é a grande tarefa de nosso Partido, tarefa que se acha, no entanto, intimamente ligada ao nosso esforço sistemático pela organização sindical da classe operária, pela organização das grandes massas camponesas e pela ampla estruturação do movimento dos partidários da paz.

Com o objetivo de mobilizar e organizar as massas, é nosso dever indicar-lhes o que não se faz hoje para defender-se da guerra, da miséria crescente e da brutalidade da reação fascista.

O desenvolvimento da situação confirma, assim, a justiça da orientação de nosso Partido e a necessidade que temos de insistir nas resoluções tomadas na reunião de Fevereiro última do P.O.L.N. que precisam ser levadas à prática com maior vigor e decisão.

ngens e todas as outras tarefas de nosso Partido. A grande tarefa política dos nossos dias é a que se trava no mundo inteiro entre as forças negras dos fautores de guerra e as amplas e sempre crescentes forças dos partidários da paz. A paz e a grande libertação que mobiliza o proletariado e seus aliados. Através da luta pela paz e que através de palavras, ações, atos pacíficos, se lançam a ação política.

Certamente, na várias maneiras de escutar e promover a guerra e da paz. Nosso Partido do proletariado, vemos que a causa da guerra são e o sul, pois desejo, que pode ou não ser realizado, de um punhado de magnatas. A causa da guerra esta na própria essência do sistema capitalista, do qual o imperialismo e a etapa mais recente na sociedade que tem o imperialismo de expansão e de subjugação de povos e de territórios para vender suas mercadorias, assenorear-se das matérias primas e realizar lucros sempre maiores. Como o Partido do proletariado, como o proletariado, como o proletariado que a socialização de países e povos e impulsiona a existência mesma do imperialismo. Lembra ainda que uma das características fundamentais do imperialismo é a política colonial de dominação imperialista dos territórios do mundo. O imperialismo prepara a paz a guerra, retribuição a exploração das colônias, reforçando a dominação dos povos.

A luta pela paz, para nós, comunistas, e por isso mesmo inseparável da luta pela libertação nacional, intensificando a luta pela libertação nacional, nosso povo dará melhor contribuição a causa da paz, como já fazem o heroico povo coreano e os povos do sudeste da Ásia.

Lutar pela paz e o fim no Brasil e, pois, fazer as grandes massas compreenderem no processo da própria luta a profunda ligação entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional, e levar, portanto, as massas a liquidar a dominação do imperialismo e de seus sustentáculos internos, a superar, como assinala o camarada Prestes, as forças de classe que no país querem a guerra. Este ponto de vista e que encaramos todas as nossas tarefas.

Para ocultar a nossa posição revolucionária, para a qual não queremos de ganhar a classe operária e a maioria esmagadora da população do país, precisamos saber unir e organizar as grandes massas do povo para salvar a paz, independentemente do partido ou camada social a que cada um pertença. Mesmo as pessoas que agora mais atacam de nós podem e devem ser atraídas para a grande causa da luta contra a guerra. É neste sentido que atuam os partidários da paz, e o Partido Comunista os apoia e lhes presta toda ajuda. Do mesmo modo que contribuímos para o pleno êxito do Apelo de Histórico, participamos agora ativamente da nova iniciativa dos partidários da paz que visa a obtenção de 5 milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências em nosso esforço para atrair as grandes massas trabalhadoras para a luta pela paz e pela libertação nacional, e de particular importância dedicamos agora a maior atenção à luta contra a carestia da vida e por melhores salários, que são, justamente com a defesa da paz, as reivindicações mais imediatas e sentidas pelas grandes massas trabalhadoras de todo o país.

Nestas condições, ao mesmo tempo que reforçamos nossa luta pelo Programa de 9 Pontos do Manifesto de Agosto, que lutamos pela imediata ce-

ganização dos Comitês Democráticos de Libertação Nacional, devemos agora concentrar a atividade do Partido nas seguintes tarefas práticas que devem ser realizadas em ligação com as resoluções de Fevereiro do Comitê Nacional:

CONTRA AS DECISÕES DE WASHINGTON

As decisões de Washington devem ser combatidas energicamente pelo nosso Partido. A luta contra essas decisões precisa ser realizada através do mais amplo trabalho de esclarecimento popular sobre a grave ameaça que elas representam e, muito especialmente, através das ações de massa contra a sua aplicação.

Por isso mesmo é tarefa dos comunistas intensificar por todos os meios a luta popular contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia, objetivo principal das decisões de Washington. «Nenhum soldado brasileiro para a Coreia» é a palavra de ordem do Partido que precisa alcançar vastas camadas do nosso povo e encontrar cada vez mais correspondência prática nas ações de massa. Já se encontram nos Estados Unidos centenas de milhares brasileiros, que se acam sob a ameaça de ser embarcados para a Coreia. Diante deste fato concreto, que revela a iminência do envio de brasileiros para a guerra, devemos levantar em todo o país uma intensa campanha de massas pela volta imediata dos nossos marujos para o Brasil. Visando o aumento de efetivos das forças armadas, as autoridades militares vão fazendo canalitadamente convocações militares extraordinárias e prorrogando o tempo de serviço dos soldados convocados. Precisamos exigir a não prorrogação do tempo de serviço militar e o licenciamento imediato dos convocados que já cumpriram seu tempo de serviço, e lutar contra qualquer mobilização acima das exigências dos tempos de paz. É necessário combater igualmente a nova Lei de Serviço Militar, que pretende a mobilização dos brasileiros de 15 a 45 anos de idade. Focadas as formas de lutas devem ser utilizadas, desde o abaixo-assinado de protesto, os telegramas e moções dirigidos ao governo até a greve, as demonstrações de rua, desfiles e comícios, e as manifestações coletivas de soldados, pois só a ação de massas sempre mais energética pode efetivamente frustrar as exigências norte-americanas sobre o fornecimento de carne para canhão. É importante na luta contra o envio de tropas para a Coreia deve ser desmobilizado pelas mulheres. A visita de comissões parlamentares — meses, esposas e norivas de jovens em idade militar — aos jornais, as assembleias legislativas, as autoridades militares (comandante de Estados e ministros das pastas militares) e ao governo, para exigir que os soldados brasileiros não sejam enviados ao estrangeiro, tem grande importância no momento atual.

É tarefa dos comunistas, em relação a decisões de Washington, organizar as lutas das massas contra as medidas fascistas de repressão ao movimento democrático e a oposição que o governo Vargas procura executar. A luta pela justiça aos presos, processados e julgados políticos tem grande importância e deve assumir o caráter de um amplo movimento nacional. É necessário lutar ativamente pelo direito de livre associação e reunião. O melhor meio de impedir a tentativa do governo de ilegalizar as organizações patrióticas e populares é organizar o protesto dessas organizações

contra a ameaça concreta que pesa sobre elas e, fundamentalmente, levá-las a impulsionarem as lutas em torno dos objetivos para os quais foram criadas. Nesse sentido, particular atenção deve ser dada à luta contra a entrega de nosso petróleo à Standard Oil.

É também tarefa dos comunistas unir com as massas, pela expulsão dos soldados americanos do nosso território e impedir o embarque dos mineiros brasileiros para a máquina de guerra americana, assim como dos viveres, que tanta falta fazem ao nosso povo.

O Partido deve estar vigilante e fazer contínuas apelos à vigilância das massas contra a preparação silenciosa da guerra. Lúdas nos ensinam que é preciso revelar os mistérios que cercam o nascimento da guerra, pois é que a preparação sempre secretamente visando colocar os povos diante do fato consumado e então esmagar a resistência pelo terror. É necessário alertar as massas, denunciando sistematicamente as preparativos de guerra, localizando cada detalhe dessas preparativos e tornando-os públicos para que as massas, depois de tomarem conhecimento e possam ser mobilizadas para a luta.

O Partido precisa desmascarar por todas as formas a preparação da opinião pública para o envio de tropas à Coreia. Neste sentido devemos intensificar nossa solidariedade ao povo coreano, divulgando ao mesmo tempo os horrores e crimes praticados pelos norte-americanos na Coreia. Devemos igualmente desmascarar toda a preparação ideológica para o ataque à União Soviética e revelar e combater o conteúdo imperialista das teses do «pan-americanismo», da «fatalidade geográfica», etc., com as quais se pretende justificar nossa colonização e nossa participação na guerra.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

O Partido deve empreender esforços para que se intensifique amplamente no país a campanha de massas contra a carestia da vida e por aumento de salários. Sendo a carestia da vida decorrência da política de guerra, colonização e aumento feroz da exploração da classe operária, a luta contra a carestia constitui também um golpe contra os provedores de guerra e suas lutas no país.

Lutar na prática contra a carestia é exigir, por meio das ações de massas, o rebatimento dos preços de gêneros de primeira necessidade, dos transportes e dos serviços, resistir à sua elevação e reclamar punição rigorosa para os que exploram o povo. É lutar contra o aumento dos impostos que recaem sobre os consumidores e os pequenos produtores e exigir que a produção nacional se oriente para as necessidades do consumo interno e não para alimentar a máquina de guerra dos imperialistas. É impor na luta de massa, a redução orçamentária das despesas militares, que ocasionam os déficits e a inflação. Lutar contra a carestia da vida é, particularmente para a classe operária e os trabalhadores do campo, lutar por aumento de salários e pela fixação de um salário mínimo justo.

A organização das massas, na ação, é o fator fundamental para obter êxito nessas tarefas. Os comunistas, assim, além da organização das co-

munições populares para a luta contra a carestia, devem redobrar de esforços para aplicar nossa linha política em relação à unidade e organização sindical da classe operária.

Devemos chamar os trabalhadores para ingressarem nos sindicatos com a finalidade de lutar ativamente por suas reivindicações e de arrastá-los das mãos dos pelegos e do Ministério do Trabalho. Dentro dos sindicatos, militando a luta pela liberdade sindical deve ser realizada através de campanhas pela convocação de assembleias de massa, por eleições livres, pelo direito dos sindicatos se agruparem nas Unões Sindicais e se filiarem abertamente à C.T.B. Simultaneamente devemos lutar pela organização sindical dos trabalhadores nos próprios locais de trabalho, reforçar suas associações profissionais, pois a unidade e a organização sindical têm, nas empresas, o seu ponto de apoio fundamental.

É este o caminho para desmascarar na prática a ditadura «trabalhista» de sr. Getúlio Vargas.

III POR UM PACTO DE PAZ POR 5 MILHÕES DE ASSINATURAS

Nosso Partido deve assegurar importante contribuição ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e à campanha por 5 milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz. Esta campanha constitui, atualmente, o centro da luta pela paz em todo o mundo.

Sem dúvida, o Partido não deve ser confundido com o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, e não podemos limitar nossa atuação, como Partido, unicamente à palavra de ordem desse Movimento. Mas é indiscutível que devemos trabalhar com todo o empenho e ardor revolucionário para reforçar e ampliar mais e mais o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e para ajudá-lo a realizar suas tarefas.

A vasta campanha em favor da manutenção da paz — diz Stalin — como meio de denunciar as criminosas maquinarias de guerra, provocadoras de guerra, se reveste hoje em dia de importância primordial.

O Movimento dos Partidários da Paz é uma massa frente que congrega todos os que desejam a paz, quer sejam seus condutores, quer sejam suas vítimas. Suas convicções filosóficas ou religiosas, suas preferências políticas. O papel desempenhado por esse Movimento no mundo inteiro, e também em nosso país, já tem um significado histórico. Basta lembrar que o Apelo de Estocolmo obrigou os imperialistas, até agora a arquivarem suas bombas atômicas.

No momento atual, o Conselho Mundial da Paz realiza intensa campanha para a coleta de assinaturas por um Pacto de Paz movimento que vai ganhando as mais amplas massas de todo o mundo. Cerca de 300 milhões de pessoas já subscreveram esse Apelo. Campanha de intensa divulgação, representa na realidade um golpe mais sério e poderoso nos planos dos provedores de guerra, do que o próprio Apelo de Estocolmo. Como acentua o Conselho Mundial da Paz em sua última reunião, pode inclinar a balança em favor da paz.

Os imperialistas preparam a guerra mas temem as ma-

(Continuar na 1.ª pág.)

(Continuação da 1.ª pág.)

Olveira e Lourival José dos Santos, e o segundo, de Caravelas comandado pelo capitão Eugênio. Encontrando-se os dois destacamentos perto de Barra Velha, no escuro, julgaram estar enfrentando o inimigo, trocando balas durante mais de uma hora. O combate terminou com a fuga do destacamento de Caravelas, os soldados largaram armas e capacetes no meio do caminho, em caracóis desabrigados.

TERROR CONTRA OS CABOCLOS

Não houve distinção de caboclos, pois estes estavam praticamente desarmados. O integralista Arsenio Brito e outros durante várias horas; depois, incendiou todas as casas, prendendo e espancando dezenas de homens, mulheres e crianças. O capitão Honorato chegou a Salvador, ainda trazia as mãos dos coelhos de fuzis. As mulheres em estado de gestação foram presas e espancadas. Os caboclos que conseguiram fugir para a mata, plantaram e arcações como hitlers. Até hoje, ainda não se sabe o número de caboclos mortos, embora a própria assidua tenha divulgado tais as vagas sobre encontro de corpos dos caboclos assassinados.

ASSASSINATO FEIO E DESUMANO

Os dois aventureiros foram encontrados por um destacamento de um número cabana, perto de via Iguaçu, onde estavam escondidos, juntamente com dois caboclos e uma cabocla. Não ofereceram resistência, estavam ambos desarmados; os engenheiros tinham uma automática, roubada do comerciante Teodomiro Rodrigues, mas sem munição. Foram ambos assassinados, no mesmo local, a tiro de fuzil disparados pelo soldado Américo e pelo guarda-linhas do telegrafo, Paul Cruz, que servia de guia para o destacamento.

A jovem cabocla, — não se sabe se fora enganada pelos aventureiros ou arrastada à força — e a filha, auxiliada, pelas costas, com os dois indivíduos, foram encontrados, documentos que os identificavam, o engenheiro corpo Américo Brito, e o estudante Jorge de Tal.

PROIBIÇÕES AS VIOLENCIAS

As violências prosseguem, num grau de sadismo inconcebível. Espantamentos brutais, caboclos amarrados na cauda dos cavalos e arrastados pelo mato, até ficarem desacordados, quase sem vida, caboclos transformados em alimarias, comandados do major Arsenio «selando-os», para depois usarem dos chicotes e esporas para flagelá-los as mulheres sem teto, escondidas no mato, enfim, uma longa série de violências e atrocidades em um s tróadas, que estão despertando a indignação e a revolta.

PROVOCAÇÃO ANTI-COMUNISTA

Enquanto isso, e apesar das denúncias do jornal O Momento, prossegue a farsa. «A Tarde», órgão da ple-

(Conclui na pág. 14)

EXTENDEM A OUTRAS FAZEN- DAS A LUTA A MEIA E O ARRENDO

14 camponeses da fazenda Brejinho, Mato Grande e Damasco, no município de Pires do Rio, zona da estrada de ferro Goiás, resolveram este ano pagar somente 20 por cento de arrendo sobre mais de 400 sacas de arroz, ao invés de pagar à meia, como vinha fazendo há muitos anos. Depois de pagarem somente 20 por cento de arrendo de suas produções, alguns camponeses organizaram um comitê e foram até a fazenda Barreirinha, do latifundista Canedo, prestar ajuda nos camponeses dali, para que também só pagassem 20 por cento de arrendo. Depois de feita a entrega ao latifundista de somente 20 por cento da produção, cinco camponeses ingressaram na Liga Camponesa e com os demais planejaram levar a execução da luta contra a meia à grande concentração camponesa de Corumbalza.

GREVE VITORIOSA EM RIO TINTO

Na semana passada ficou paralisada toda a produção em Rio Tinto. As operárias forçaram a empresa a pagar o restante dos salários que a fábrica desejava embolsar e trabalhar apenas com uma máquina ao invés de duas, como acontecia. O mestre da seção quis impedir o movimento, mas as operárias deram-lhe uma boa surra e deixaram-no de «cucas». Foram ainda até a gerência e só saíram de lá com o dinheiro. Falou na ocasião o líder dos trabalhadores de Rio Tinto, o metalúrgico Miguel Batista.

(Rio Tinto — Goiás)

MOÇÃO DA CÂMARA DE SÃO JOSÉ EM DEFESA DO PETRÓLEO

Por proposta do vereador Alberto Vendremini, a Câmara Municipal de São José do Rio Pardo aprovou, por unanimidade, uma moção de protesto contra as tentativas de fechamento do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. O protesto foi endereçado ao Presidente da República, ao Senado e à Câmara dos Deputados.



PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

(CONTINUAÇÃO)

mas, temer a sentença terrível e inexorável dos povos. Os povos têm agora em suas mãos imensas possibilidades para desmascarar os agressores, isolá-los completamente e pôr em xeque seus planos sinistros. Esta possibilidade consiste em realizar com êxito a coleta de assinaturas pela conclusão de um Pacto de Paz. Esta campanha, que também se realiza em nosso país, lançada há dois meses pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, objetiva colher 5 milhões de assinaturas. Tal objetivo pode ser alcançado e até mesmo superado, devido ao caráter da campanha e à sua imensa amplitude. O Apêlo não entra em cogitações sobre que bases deve estabelecer-se o Pacto de Paz; subscrevendo-o, cada pessoa manifesta tão somente seu desejo de paz, sua exigência para que as cinco grandes potências, Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Inglaterra e França — que têm a responsabilidade principal pela manutenção da paz no mundo — cheguem a um acordo para evitar a guerra. Assim fazendo, evidentemente, considera a recusa de qualquer governo a esse entendimento como provocação guerreira da parte desse governo. Qui homem ou mulher, a não ser os mais feroces inimigos da humanidade, pode recusar sua assinatura a um documento de conteúdo tão amplo? Quem pode deixar de associar-se a tão nobre aspiração?

A campanha por um Pacto de Paz representa imensa contribuição à luta contra o envio de tropas para a Coreia e contra as decisões da Conferência de Washington. Como já vem demonstrando a coleta de assinaturas por um Pacto de Paz, esta campanha, pela sua amplitude, desperta grandes massas para a luta pela paz e leva-as a manifestarem concretamente sua oposição à política de guerra dos imperialistas americanos e de seus agentes. Cada assinatura a favor de um Pacto de Paz é um ato de condenação ao envio de tropas para a Coreia e à preparação do país para a guerra. Milhões de assinaturas representarão seria advertência ao governo e criarão dificuldades imensas à continuação de seus planos guerreiros. A vontade de paz das centenas de milhões de pessoas em todo o mundo deve juntar-se a vontade de paz de milhões de brasileiros para impedir o desencadeamento da guerra mundial.

É certo, no entanto, que apesar da amplitude da campanha e de ser a mesma recebida com entusiasmo e compreensão pelas massas, o número de assinaturas coletadas no país é ainda muito pequeno. Pouco mais de 300 mil assinaturas foram recolhidas. Isto se deve a que é pequeno o número de coletores de assinaturas, não se organizando coletas em massa e planejadamente; a que é fraca, bastante fraca, a propaganda da campanha; e a que, em muitos casos, há vacilação sobre a eficácia da campanha, falhas estas que os comunistas devem encarar com grande espírito de responsabilidade para ajudar e superá-las.

Aos comunistas, dentro do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, cabe um papel decisivo:

— Eles devem pôr em ação toda a sua rica experiência, adquirida na coleta de assinaturas ao Apêlo de Estocolmo, para multiplicar rapidamente o número de assinaturas da campanha por um Pacto de Paz;

— Eles devem trabalhar incansavelmente para trazer novas e mais amplas camadas da população, as massas camponesas, os jovens, as mulheres e, em primeiro lugar, a classe operária, para as fileiras dos partidários da paz;

— Eles devem empregar o máximo de esforços para criar milhares de organizações locais de defesa da paz: «Comitês», «Cruzadas», etc., das fabricas e oficinas, das lojas e repartições, dos quarteis e navios, das fazendas e usinas, das escolas e dos bairros.

O primeiro dever dos comunistas que atuam no Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz é ajudar a estruturar o Movimento da maneira mais ampla, é ajudar a realizar a unidade de todas as forças do país interessadas na manutenção da paz mundial.

A fim de que a campanha por 5 milhões de assinaturas seja plenamente vitoriosa é necessário que as organizações e os militantes de nosso Partido, na empresa, no bairro, na cidade ou no Estado onde atuam, considerem o cumprimento das quotas de assinaturas estabelecidas pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz como tarefa sua, que depende em boa parte de seus esforços, de sua capacidade de iniciativa.

— X —

Em resumo, a atividade dos comunistas no período atual deve orientar-se particularmente no sentido de levar a bom termo a campanha de assinaturas por um Pacto de Paz e de intensificar a luta contra as decisões da Conferência de Washington, em especial contra o envio de tropas para a Coreia. Deve orientar-se igualmente para a luta contra a carestia e por aumento de salários.

As ações populares por um Pacto de Paz e contra as decisões da Conferência de Washington, contra a carestia e por aumento de salários, têm importância decisiva no momento atual para desmascarar os imperialistas e seus lacaios, assim como para conduzir milhões de brasileiros à frente de luta contra o imperialismo norte-americano, pela paz e a conquista da democracia popular.

V — PELO FORTALECIMENTO DO PARTIDO

Para realizar as nossas grandes e honrosas tarefas precisamos, porém, cumprir simultaneamente a importante decisão tomada em nossa última reunião de Fevereiro: trabalhar pela construção do Partido.

Cada dia se torna mais evidente que só poderemos executar com êxito nossas tarefas na medida em que fortalecermos nosso Partido — ideologicamente, política e organicamente.

Rápido balanço de nossa atividade, no período transcorrido desde a última reunião do C.N., revela que as debilidades de nosso Partido são muito grandes ainda e que pouco fizemos para superá-las.

O Partido, no seu conjunto, fez esforços para organizar o protesto popular contra a Conferência dos Chanceleres e para realizar um 1.º de Maio expressivo. Foram positivas as ações efetuadas, particularmente as do dia 18 de Abril contra as decisões de Washington. Graças a estas ações, as massas puderam tomar conhecimento de fatos graves que atentam contra a sua vida e liberdade e que os imperialistas e seus lacaios procuravam a todo transe esconder. Os corajosos atos realizados pelo Partido, enfrentando a situação, permitiram um des-

mascamamento maior do governo de Getúlio e dos seus serviços de Truman no país, revelando seus objetivos guerreiros. Mas não devemos obcecarmo-nos nas debilidades que se apresentaram. As manifestações demonstram que estamos ainda desligados das grandes massas e não sabemos mobilizá-las como é necessário e possível. Ainda foram apenas os militantes do Partido e alguns setores de massas mais próximos a nós que compareceram nos atos programados. Por outro lado, pouca importância foi dada ao trabalho de esclarecimento e de organização dos protestos das fabricas e fazendas. Dezenas de abaixo-assinados contra as decisões de Washington foram conseguidos, mas um esforço maior de nossa parte, uma atenção melhor ao trabalho das empresas, poderia assegurar centenas destes protestos cuja significação política seria de inestimável valor.

O Partido empenha-se em orientar cada vez mais seu trabalho para a classe operária e as massas camponesas. Por isso mesmo temos dirigido algumas lutas de importância do proletariado e dos camponeses por aumento de salários e outras reivindicações econômicas. Mas são poucas as greves que ocorreram sem a nossa participação direta e sem um esforço de nossa parte para melhor orientá-las. As tendências oportunistas ainda existentes em nossas fileiras fazem com que não seja dada toda a atenção necessária à preparação e desencadeamento de lutas nas empresas, quando é certo que, em muitos casos, as massas não somente guardam nossa ajuda e orientação para formular e exigir seus direitos. Não avançamos igualmente na organização da classe operária e das massas camponesas.

Nestes quatro meses de atividade, notamos que a palavra do Partido vem sendo ouvida com atenção sempre maior pelas massas. Muitos são os casos em que os trabalhadores da cidade e do campo, sem partido ou mesmamente pertencendo a outros partidos, procuram espontaneamente os companheiros do nosso Partido para conhecer sua opinião sobre a situação política, sobre este ou aquele acontecimento. Inúmeros elementos buscam nas palavras e nos conselhos dos comunistas uma resposta e uma orientação para enfrentar os problemas que os atormentam. Nossos agitadores propagam em escala sempre maior, se bem que de maneira ainda insuficiente e aquém das possibilidades, a solução revolucionária dos problemas brasileiros contida no Manifesto de Agosto. Mas pouco avançamos ainda na criação dos Comitês Democráticos de Libertação Nacional, tarefa imediata do Partido que nem sempre tem sido encarada como tal e com a indispensável seriedade.

Nossa debilidade principal no trabalho de massas, neste último período, consiste na subestimação das tarefas relativas à coleta de assinaturas por um Pacto de Paz. É pequeno o esforço realizado pelo Partido para multiplicar rapidamente o número de assinaturas e cobrir as quotas determinadas no plano do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. É combativo politicamente as tendências que entravam a realização desta importante tarefa e pondo em ação nossa experiência adquirida na campanha em prol do Apêlo de Estocolmo que superaremos aquela debilidade e melhor ajudaremos a ampliar e estruturar

os Partidários da Paz. Por não sabermos ampliar a frente dos partidários da paz, por não trabalharmos ainda como devemos com as massas, é que a tarefa da coleta de assinaturas recaí quase exclusivamente sobre os nossos militantes.

Neste período manifestaram-se também no Partido, entre alguns elementos e organizações, certas tendências ao pessimismo, atitudes de impotência e conformismo em face das dificuldades que surgem, o que não deixa de traduzir falta de confiança nas forças da classe operária e do povo. Os elementos portadores destas tendências orientam-se por uma análise unilateral da realidade, só vendo o lado da reação, e não enxergam o outro lado da realidade, o formidável potencial que representa a vontade de luta das massas, vontade que se robustece e tudo pode, como ainda agora nos demonstram as greves operárias desencadeadas em todo o país.

O atraso na descida das tarefas às bases, a falta de controle e fiscalização, o espontaneísmo, caracterizam ainda nossa atividade neste último período. O Informe de Fevereiro do Comitê Nacional e suas resoluções não foram discutidos até agora nem mesmo por 50% dos comunistas. Nossas bases, é evidente, não podem aplicar resoluções que não recebam e nem discutem.

As causas destas debilidades já foram analisadas no Informe de Fevereiro e apontados os meios para corrigi-las. É necessário insistir na aplicação dos meios: é necessário colocar efetivamente no ordeno do dia os problemas da construção do Partido, ponto fundamental do Informe e das resoluções de Fevereiro.

Que realizamos, em ligação com essa tarefa, no terreno ideológico e no terreno organizativo?

Não há dúvida que demos um passo no terreno da elevação do nível ideológico do Partido. Foram instituídos e realizados em vários pontos do país cursos de curta duração e agora iniciamos um curso de nível médio de três semanas. Esta tarefa tem grande importância na luta pela superação de nossas debilidades e precisa ser realizada com mais perseverança e firmeza. Mas, poucas iniciativas surgiram na organização de círculos de estudos e retardamos ainda a melhoria de nossa imprensa e a publicação de livros e folhetos marxistas. A difusão de nossa imprensa é pequena, assim como de nossa literatura.

Algumas medidas foram tomadas para encarar o problema do fortalecimento orgânico do Partido mas estas medidas são insuficientemente postas em prática. Continua o grave desinteresse, por parte das direções do Partido em todos os escalões, pelo funcionamento regular dos organismos de base do Partido e pela ajuda sistemática que estas organizações devem merecer. Muito pequeno foi o número de células organizadas depois do Plano de Fevereiro, embora sejam grandes as condições existentes para isto. No curso das lutas vão desenvolvendo-se em todo o país, não há esforço organizado para multiplicar os efetivos do Partido nas empresas e concentrações camponesas. Como que pararmos, em nosso trabalho, as tarefas políticas das tarefas organizativas.

Estes fatos mostram que, no seu conjunto, as tarefas de construção do Partido são subestimadas. Qual razão deste grave defeito?

Ele resulta, no fundamental, da insuficiente compreensão em nossas fileiras do papel dirigente e organizador do Partido, da insuficiente compreensão de que o Partido é o organizador do movimento operário e do movimento nacional libertador no país. Lênin dizia:

«O proletariado não dispõe, em sua luta pelo Poder, de outra arma senão a organização. O proletariado, classificado pelo imperialismo, a concorrência dentro do mundo burguês lançado constantemente ao abismo da miséria mais completa, do embrutecimento e da degeneração, só pode fazer-se e se fará inevitavelmente invencível sempre quando sua união ideológica por meio dos princípios do marxismo se afiance na unidade material da organização, que funde os milhões de trabalhadores no exército da classe operária.»

Esta clara indicação de Lênin é que precisamos pôr em prática, com decisão e firmeza.

Será demais repetir aqui que só através do Partido — do Partido enraizado e grande, empenhado nas grandes concentrações de trabalhadores, ligado às massas — é possível dirigir o movimento operário brasileiro, fundir os milhões de trabalhadores no exército da classe operária? Acreditamos que não, que não é demais repetir aqui esse conceito fundamental do movimento revolucionário.

Em nosso país existam as condições objetivas mais favoráveis para que milhões de brasileiros ingressem na senda revolucionária. Tais possibilidades, porém, só podem transformar-se em realidade se soubermos ganhar, antes e acima de tudo, os melhores filhos da classe operária e do povo para o nosso Partido, para a Revolução, e se soubermos elevar o nível ideológico, político e orgânico do Partido. A Revolução no Brasil, dentro do quadro da situação atual, está mais longe ou mais próxima, a medida em que soubermos resolver os problemas práticos e teóricos da construção do Partido.

Eis porque a realização desta tarefa — ponto fundamental da nossa resolução de Fevereiro — é decisiva. E como tarefa decisiva é que precisa ser enfrentada por este C.N. e por todo o Partido.

— X —

Camaradas:

Atravessamos uma situação cheia de graves perigos, mas, ao mesmo tempo, de grandes e radiosas esperanças.

O mundo inteiro é um só palco da gigantesca batalha de todos os povos contra a guerra e o imperialismo. As forças da paz, tendo à frente a gloriosa União Soviética, a Patria do Socialismo, e Stálin, o querido e sábio chefe do proletariado mundial, não cessam de crescer, e demonstram que já agora é possível fazer recuar os imperialistas nos seus manejos guerreiros, impedir a guerra e manter a paz. Qualquer que seja, porém, o curso desta batalha entre as forças que defendem a paz e as forças que querem

(Concluído na Pág. 11)

RECORDEMOS AS MASSAS. . . Maximo Gorki, Grande Combatente Do Campo da Paz e do Socialismo

FARSA TRAGICA...

(Conclusão da 9.ª pág.)

ma do país em economia de guerra e ao aumento da exploração da classe operária.

Isto não acontece, porém, sem uma crescente resistência da classe operária e das massas. Seu descontentamento, sua vontade de luta sua indignação patentelam-se no crescimento dos movimentos grevistas, das lutas camponesas, das manifestações populares contra a carestia da vida e o envio de tropas brasileiras para a Coreia.

Isto quer dizer que são também melhores as condições para mobilizar unir e organizar as poderosas forças que, em nosso país, se chocam com esta política de fome, de guerra e de traição nacional. São maiores e melhores as condições para no processo das lutas pelas reivindicações sentidas das massas, pela paz e a independência nacional, convencer o povo de que somente se encaminhando para a solução indicada por Prestes e pelos comunistas no Manifesto de Agosto, é possível evitarmos a calamidade da guerra imperialista, conquistarmos uma pátria independente, dar ao povo terra e liberdade a milhões e milhões de brasileiros explorados e oprimidos.

Estamos num momento, como todos os fatos evidenciam, em que a reação e o imperialismo tentam uma ofensiva geral contra as forças democráticas e o povo em nosso país. Mas estamos num momento, também, em que há possibilidades mais de barrar e destruir esta ofensiva, e inclusive, colocar a iniciativa dos acontecimentos em mãos das forças democráticas. Para tanto, é necessário que não se cruzem os braços que se levem com mais audácia e entusiasmo às massas as campanhas contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia e as demais resoluções da Conferência de Washington, por um pacto de paz entre as cinco potências, contra a carestia da vida e pelas reivindicações. E nestas campanhas, não vacilar, não temer em chamar as massas à luta e à organização sob a bandeira da Frente Democrática de Libertação Nacional, cujo Programa precisa ser explicado através de exemplos práticos da vida diária das próprias massas.

Os acontecimentos a cada momento confirmam as indicações dos comunistas, no Manifesto de Agosto. Nisto reside um dos fatores fundamentais do êxito das forças democráticas em nossa terra. Mostremos, com os argumentos dos fatos e com as experiências das lutas esta justiça, que as massas se convencerão.

PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

(Conclusão da 10.ª pág.)

a guerra, o imperialismo será esmagado, como nos ensina a ciência marxista, e com ele desaparecerá para sempre as causas que enredam as guerras e que provocam o sofrimento terrível de milhões de seres humanos.

O povo brasileiro participa desta luta. Grandes são também os perigos que o ameaçam, mas nosso povo tem heróicas tradições de luta e há de enfrentá-los lutando. O êxito desta luta dependerá fundamentalmente da força dirigente da classe operária e do seu Partido de vanguarda.

Devemos e podemos derrotar a política de guerra, de fome, de opressão policial do atual governo de fazendeiros e grandes capitalistas, serviços do imperialismo. A frente de nosso povo, tomemos a causa da paz em nossas próprias mãos e a defendamos até o fim, intensificando a luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular.

«Na luta pela libertação nacional do jugo imperialista, pela paz e a democracia — diz Prestes, o grande chefe do nosso Partido — nosso

povo será invencível, como invencível foi o povo chinês e ainda agora demonstra ser o heroico povo da Coreia na sua luta contra o agressor imperialista».

Nosso Partido é a esperança do povo. Milhões de brasileiros, no meio da tormenta desencadeada, voltam-se para o Partido da classe operária — o farol que ilumina o caminho da paz, da libertação nacional, da democracia popular.

HÁ DEZ ANOS...

(Conclusão da 1.ª pág.)

ra Mundial. As recordações do heroísmo dos combatentes de Stalingrado e Leningrado, de Sebastopol e Kiev, de Kursk e Falin, que levaram a bandeira libertadora do Exército Soviético até o cimo do Reichstag. Mas, como acentua Stalin, seria erroneo presumir-se que nossa vitória foi inteiramente devida à bravura de nossas tropas. Sem bravura é sem dúvida, impossível obter vitórias. Mas, bravura só não é suficiente para vencer um inimigo que possui um grande exército, armamentos de primeira classe, oficiais bem treinados e um serviço de suprimento muito bem organizado. Nestas condições, são necessários

OS INTELLECTUAIS honestos lealmente celebraram a 19 de junho mais um aniversário da morte do grande escritor Maximo Gorki. Em todo o país soviético, nessa data, foram presadas excepcionais homenagens ao autor de «A Mãe», grande figura humana de nosso tempo, criador da literatura proletária de vanguarda.

Gorki morreu em 18 de junho de 1936, assassinado, assim como os grandes líderes da revolução bolchevique Kuibishev e Kirov pelos bandidos trotskistas, obedientes as ordens dos serviços de espionagem estrangeira. Queriam aqueles infames agentes da burguesia, com esses atentados, destruir o invencível Partido Bolchevique e o Estado Soviético, abalar os alicerces da defesa do país, facilitar a intervenção armada estrangeira, entregar aos inimigos do povo soviético territórios da URSS por ele concessões e restaurar na Pátria do Socialismo a escravidão capitalista. Vítima desse plano infame e que morreu Gorki, amigo querido de Lenin e Stalin. Mas o povo soviético, sob a sabia direção de Stalin e do Partido Comunista, esmagou como insignificantes vermes aqueles monstruosos traidores, dando-lhes o justo castigo.

Maximo Gorki depositava uma extraordinária fé no porvir do mundo socialista. Já em 1928, ele escrevia: «A classe operária tem a vitória assegurada. O mundo caduco tem seus dias contados. Nossa prosa não é prosa, mas uma festa, não é uma vida pacífica, mas a batalha de classes». Deleita assim toda uma concepção artística que se baseia na luta irreconciliável e ao mesmo tempo traduzia sua inquebrantável confiança no futuro luminoso do proletariado. Dizia a propósito: «E duvido, camaradas, que se possa enganar um homem que tenha vivido tanto como eu.» Por isso, devido à sua firme posição ao lado de Stalin e do Partido, da luta pela edificação do socialismo na URSS e da libertação dos povos das cadeias do capitalismo, Gorki despertou o ódio furioso dos imperialistas e seus imundos agentes trotskistas.

Gorki lutou incansavelmente em defesa da paz e, na viagem que fez aos Estados Unidos no principio deste século, pôde com a sua visão genial descobrir os horrores da cidadela do capitalismo, onde grandes massas vivem na extrema miséria e os linchamentos de negros se sucedem dia a dia. Escrevendo contra as calamidades da guerra, disse ele: «Sei que a guerra é uma pura bestialidade e que nela pessoas inocentes se exterminam mutuamente, colocadas pela força na situação de auto-defesa. Sei que as

(Conclusão da 1.ª pág.)

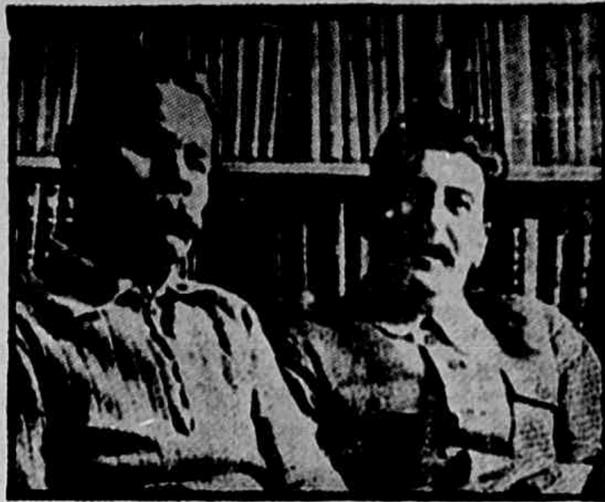
haver a fim de serem remediadas a alguma parte».

As declarações de João Neves, Pimentel Brandão e Gois Monteiro, outra coisa não fazem, que confirmar essa manobra. E a ofensiva contra o Clube Militar novamente desencadeada depois do aumento dos quadros dos oficiais de armas e serviços do Exército,

também um imenso poder econômico aliado a uma inquebrantável unidade popular em torno do governo nacional.

Este poderio e esta unidade, que nenhum governo em país capitalista poderia alcançar, foram o que as grandiosas vitórias dos Exércitos Soviéticos sobre os agressores fascistas vieram revelar ao mundo.

Hoje, a União Soviética encontra-se ainda mais forte e poderosa de que antes da agressão nazista. Mas sua força, hoje como ontem, continua aplicada na defesa da paz e contra a agressão. Nela encontram apoio todos os povos que lutam por sua libertação nacional e social, como encontram um apoio decisivo o poder que lutaram para se libertar da escravidão nazifascista.



GORKI, ao lado de Stalin, seu grande mestre e amigo

guerras são preparadas pelos capitalistas, a fim de consolidar o revim que torna vulgares as bestialidades do tempo de paz para o enriquecimento de indivíduos e não para o bem da nação».

Gorki anteviu o mundo comunista, o mundo do futuro, em cujo limiar se encontra a grande Pátria do Socialismo e da Felicidade, a vitoriosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas liderada pelo maior estadista e sábio de nosso tempo, o camarada Stalin, dileto discípulo e companheiro de armas de Lenin. Assim como celebrou a luta da classe operária russa, estimulando-a com sua arte para ações mais audazes. Gorki descortinou o porvir em páginas que se tornaram celebres.

Mas ao lado disso, o grande escritor da língua russa estigmatizava os armamentistas e os senhores dos grandes lucros de guerra, os imperialistas alemães, ingleses e norte-americanos. Falando sobre os capitalistas lanques que já durante a primeira guerra ganharam dólares do modo mais cinico à custa do sangue da humanidade, escreveu o criador de Klim Sanguine: «A cultura delas é a escola onde mentem, a igreja, onde mentem, a parlamento onde também mentem, a imprensa onde mentem e cauniam, a sua cultura é a sua policia à qual dão o direito de espancar e matar operários».

Gorki levantou a sua voz vibrante e corajosa, escutada pelos homens e mulheres honestos de todo o mundo, em defesa da paz e contra o crime monstruoso da guerra. Se Gorki estivesse vivo sua grande voz, que ainda hoje ecoa e por muito tempo ecoará em muitos corações, mais uma vez levantaria para apontar ao mundo os planos tenebrosos dos imperialistas lanques, as selvagerias nazistas que praticam na Coreia e a agressão que preparam febrilmente contra a pacífica União Soviética, agressão esta que levará ao tumulto o pódre regime capitalista.

NEM UM SOLDADO DO BRASIL PARA...

da criação da taxa para o Fundo Naval, da intensificação de manobras militares e de incorporações às fileiras, são outros tantos indícios dos preparativos de guerra.

O UNICO CAMINHO

Está portanto, a nossa juventude diante de um novo e mais grave perigo, nosso povo está diante de uma ameaça mais próxima à sua vida.

Hoje mais do que nunca devem todos os patriotas e democratas lutar contra qualquer participação na criminosa intervenção guerreira de Truman na Coreia e na China. Manifestar por todos os modos possíveis nossa repulsa às Resoluções de Washington, à frente das quais está o infame compromisso da remessa de nossos soldados para a Coreia. Formar Conselhos de Paz e dar novo impulso a campanha por um Pacto de Paz entre as 5 potências, arma decisiva para limitar o conflito e contribuir para a sua terminação.

AS PALAVRAS DE PRESTES.

As palavras de Prestes, no seu Manifesto de Agosto, tem agora mais atualidade do que nunca. «Nada, mas absoluta-

mente nada para a guerra imperialista. Nem um soldado do Brasil para ajudar a agressão americana à Coreia! A luta dos povos asiáticos contra o imperialismo é parte integrante de nossa propria luta pela independência do Brasil do jugo imperialista lanques».

Armados com estas palavras, eis de uma luta capaz de movimentar nosso povo como um só homem, transformando estas palavras em ação é que devemos responder aos manejos de Getúlio para nos fazer de carne de canhão, neste primeiro aniversário da infame agressão à Coreia. Abre-se para o povo brasileiro, portanto, a perspectiva neste momento de intensificar uma luta mais ampla, uma luta de todos, luta das mães, noivas, irmãs e filhas, luta dos pais, irmãos e maridos, para impedir o crime sangrento. É possível impedir a consumação do crime. Nosso povo ama a paz e não quer a guerra. Contra a infame tentativa de Getúlio-João Neves, por ordem dos patrões americanos, ergamos a bandeira da união e ação pela paz e a independência nacional, em cujo centro se inscreve a grande palavra de luta de um povo: não iremos para a Coreia!

reação, apresentou um certo Ari Bening como insuflador dos caboclos. A provocação foi também desmentada.

No dia 10 chegou a Salvador o terrado Arsenio, nepetu suas provocações de sempre e declarou com isto a vontade que havia incendiado a aldeia por meios de higiene».

Os acontecimentos de Barra Velha repercutiram na Assembleia Legislativa. Varios deputados lembraram outras atrocidades cometidas pelo maior integralista Arsenio, em sua carreira de policial violento e perverso que conta de ante-mão com a impunidade em que o deixa os governos das classes dominantes.

O objetivo da nova aventura desse celerado, entretanto, fica claro aos olhos de todos. Trata-se de uma ação policial a serviço dos latifundiários que ambicionam há muito as terras dos caboclos. A mando de Regis Pacheco, preposto de Getúlio, o nazi-integralista Arsenio e seus comandados derramaram o sangue dos indefesos caboclos e incendiaram sua aldeia para espantá-los das terras que desde a monarquia são reconhecidas como suas. Com isso, além de procurarem arrefecer o espirito de luta dos camponeses do sul da Bahia, abrem aos grileiros a oportunidade de se apossarem das terras dos caboclos vítimas indefesas dos crimes, incêndios e assassinatos perversos do governo de Regis-Getúlio.

FUNDADA A LIGA CAMPONESA DA FAZENDA PONTAL, GOIÁS

A fazenda Pontal, perto de Itapirapuam, Estado de Goiás é constituída de 1.730 alqueires de terras, divididas, demarcadas e homologadas. Moram nela 160 famílias de camponeses pobres que fugindo à exploração foram parar ali enfrentando maleditas, o sertão e as feras. As terras estão devidamente legalizadas, havendo sido homologadas as partes pelo Estado em 12-10-50, conforme despacho número 12.796, constante do processo número 1.122.12-50, que concede venda dos lotes aos possesores. Agora surge o Rábulia Ricazama e com documentos falsos que não existem no livro do Departamento de Terras, quer tomar aquelas propriedades. No dia 24 de maio, em casa de um dos moradores de Pontal reuniram-se varios outros proprietários ali residentes encontrando completamente as dependências falando primeiramente um membro da União dos Camponeses Goianos que mostrou a necessidade de que todos os camponeses se reunissem, na defesa de seus mais sagrados interesses. A seguir foi eleito a diretoria da Liga Camponesa, de que é presidente Felisberto R. Paiz, fazendo parte ainda da diretoria Sebastião A. Carvalho, Emídio Luciano da Costa, José Lima do Oliveira e Antonio R. da Silva.

CONTRA O ENVIO DE TROPAS A CAMARA DE JOAO PESSOA

Nos bairros da Ilha do Bispo, Torre e São Miguel, em João Pessoa, realizaram-se varias passadas em defesa da paz desfraldando a bandeira de «Nem um soldado para a Coreia».

A Câmara Municipal, colaborando com o movimento dos partidários da paz, aprovou uma moção contra o envio de tropas para a Coreia e para fazer sentir o apoio popular a essa iniciativa, os patriotas e democratas convocaram um comício para o dia 21 de maio.

Falaram na ocasião o acadêmico José Gomes e o jornalista Guido Lucena. A policia tentou sabotar o ato patriótico cortando a luz do quarteirão, mas os academicos da Faculdade de Ciências Econômicas, ali situada, acorreram ao local e com o seu aplauso prestigiarão os oradores. O diretor da Faculdade, juiz Clovis de Lima, na presença dos alunos, protestou contra a ação da policia.

O povo daqueles bairros de João Pessoa manifestou, dessa maneira, sua vontade de paz e sua decisão de lutar contra as Resoluções de Washington que prevêm o criminoso envio dos brasileiros para morrer como gado de corte na Coreia.

GREVES DE CAMPONESES PELO DIREITO DE FÉRIAS

Os colonos da Fazenda Taquaral, no município de Igarapava, no interior paulista, entraram em greve no dia 19 de maio, exigindo o pagamento das férias.

Também no município de Iacanga, os trabalhadores da Fazenda Venda Nova, de propriedade do taturra Durval Costa, declararam-se em greve, desiludidos com o Departamento do Trabalho, a quem haviam recorrido para exigir essa reivindicação.

Os camponeses de Guapiassu, ex-Ribeirão Claro, entre Rio Preto e Olímpia, estão se movimentando a fim de exigir dos fazendeiros o pagamento das férias.

Operações de Guerra Contra os Camponeses Que Defendem Suas Terras

Novamente o terror policial do governo e dos latifundiários se abate sobre os camponeses do norte do Paraná, que lutam pela posse de suas terras.

Confirma-se a denuncia que em numerosas sucessivas vinhamos fazendo sobre os preparativos dos governos de São Paulo e do Paraná, nos quais dita ordens o crei do café Jeremias Lunardelli, esse grileiro colorado, para desfechar a repressão sangrenta nas zonas de lutas camponesas.

Getúlio, responsável por tudo isto, põe as unhas de fora e mostra sua verdadeira face de massacrador de camponeses que defendem seu trabalho, suas benfeitorias e as terras que, há anos a fio, lavram de sol a sol.

OS ANTECEDENTES

A luta dos posseantes de Porecatú, Centenária, Jaguapitã Arapongas e imediações e a luta de todos os camponeses noroiondos e explorados pelos latifundiários. É a luta dos volantes colonos, camradas e sitiantes por melhores salárics, pelo direito a férias, por melhores contratos e pelo direito de vender seus produtos sem interferência dos patrões.

A terra por eles desbravada, enfrentando as cobras, os animais bravios e as doenças lhes pertence de direito. Possuem recibos de posse passados pelo Departamento de Ferras e Colonização. O governador Lupion fez-lhes promessa de que reconheceria seus direitos. Munhoz da Rocha re-

1 - GETULIO, GARCEZ E MUNHOZ DA ROCHA MOBILIZAM TROPA ARMADA DE MORTEIROS, METRALHADORAS E GÁS LACRIMOGÊNIO CONTRA OS POSSEANTES DE PORECATU E IMEDIAÇÕES

2 - UM VIGOROSO MOVIMENTO DE DENÚNCIAS, DE PROTESTO E SOLIDARIEDADE FARÁ PARALISAR O BRAÇO ASSASSINO DOS POLICIAIS E JAGUNÇOS A SERVIÇO DO GRILEIROS LUNARDELLI

novou essa promessa. Mas apesar de tudo, os camponeses anenados por Lunardelli, Jeromino e outros, de perderam suas terras que esses grileiros cobiçam, são agora cercados por fortes contingentes policiais que visam levar a efeito a usurpação monstruosa.

PREPARA-SE O TERROR

Há mais de uma semana que os jornais da reação no Rio e em São Paulo, vêm divulgando notícias falsas, visivelmente orientadas por um mestre centre diretor, procurando criar ambiente para o massacre das camponeses que defendem suas propriedades, sob o desmoralizado pretexto de que naquelas localidades existem agitadores comunistas. O que queremos na verdade das latifundiários é se aposar das terras pertencentes a esses camponeses.

PRISÕES E MOBILIZAÇÃO MILITAR

Uma serie de prisões foi clinicamente noticiada pelos

jornais da reação em Londrina, onde em sua sede a Comissão de Solidariedade aos Posseantes de Porecatú. E' ignorando o destino dos presos.

Em Presidente Wenceslau, São Paulo estaciona um esquadrão de cavalaria, bem armado e municado, e naquela cidade instalou seu J.G. o covarde espancador de mulheres, Arnan do Pinca de Camargo, chefe da policia secreta do São Paulo, que vem ao Rio periodicamente prestar contas ao maior fascista Hugo Bessler. O carrasco Louzada da Rocha, emprestado ao governo do Paraná para dirigir a repressão.

Na cidade de Porecatú encontram-se um numeroso contingente, à espera de ordem para marchar contra os camponeses. Segundo o «O Globo», essa tropa munida de morteiros, metralhadoras e gás lacrimogênio está sob o comando do tenente João de Alencar Filho. O chefe de policia de São Paulo, Elpidio Reate, confessou estar aprovi-

dençando a cobertura da fronteira São Paulo-Paraná por forças policiaes. E o chefe de Policia do Paraná, Cel. Afonso Silya, declarou no viáju para Porecatú, que está disposto a fazer limpeza da scla região.

FMIA EXECUÇÃO DE UM PLANO MONSTRUOSO

Como se vê todos os preparativos estão sendo feitos para levar a efeito uma chacina dos camponeses do norte do Paraná. Desses preparativos também faz parte a visita do latifundiário e usineiro pernambucano João Cleofas, ministro da Agricultura de Getúlio, a Paraná, a fim de fazer denagogia com o Serviço Social Rural e tentar desviar a atenção dos camponeses do saque organizado que planejam. Trata-se pois, de um crime monstruoso, preparado por Getúlio e seus companhas do latifúndio todos solidários entre si visando atemorizar os camponeses pela repressão sangrenta e paralisar assim suas lutas pela posse das terras.

E IMPERIOSA A SOLIDARIEDADE

Para que os camponeses de toda a zona de operações criadas por Getúlio-Munhoz-Garcez possam ter êxito em sua luta heróica, e derrotar a policia e os jagunços é preciso que se desencadeie um vigoroso movimento de protesto contra o crime e de solidariedade aos posseantes que defendem suas terras de armas na mão. Toda a solidariedade, pois, moral e material, deve ser dada aos camponeses de Porecatú e localidades vizinhas em luta contra Getúlio e os ladões de terras que novamente querem derramar o seu sangue.

Atravez das denuncia, do protest, e da solidariedade que me as pessoas honestas e patriotas farão paralisar o braço assassino de Getúlio, Garcez, Munhoz e outros serviços dos latifundiários e capitalistas.

Sensacional!



Jorge Amado
em seu novo livro

O MUNDO DA PAZ

destrói a lenda da "Cortina de Ferro"

Editorial VITÓRIA Ltda.
RUA DO CARMO 6 - 13º ANDAR
tel. 22 1613 Rio de Janeiro

Atendem pedidos pelo reembolso postal.

PARA SE INFORMAR PARA CONHECER OS FATOS

OUÇA A RADIO DE MOSCOU
emissões em português
PARA O BRASIL
HORAS:
20,30 a
21,00



ONDAS:

19,43 m	15 440 quilociclos
25,08	11.960
25,30	11.860
25,47	11.760
25,63	11.705
30,86	9.750
30,97	9.690

O Povo Brasileiro Não Lutará Contra a U.R.S.S.

Trata-se em vão de apagar da memória dos povos seus sofrimentos na guerra passada para mais facilmente levá-los a outra guerra ainda mais sangrenta e destruidora. No entanto os povos recordam angustiados o dia 22 de junho de 1941. Na madrugada desse dia a Alemanha hilerista agredia traiçoeiramente a terra pacífica onde 200 milhões de seres humanos construíam uma vida nova e feliz, a primeira sociedade de homens livres que conheceu a história a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Mas no meio de sua angústia, nas trevas da noite nazista espalhada sobre a Europa, uma luz começava a brilhar. Era a esperança de que, por fim, depois de escravidão tantas pátrias, o fascismo encontraria seu túmulo na própria terra que assaltava com tamanha selvageria.

A 3 de julho de 1941 a voz pausada e firme de um sábio ressoava em todo o mundo: «Comaradas: Nossas forças são incalculáveis. O enfurecido inimigo bem cedo se convencerá disso. Juntamente com o Exército Vermelho se levantam para a guerra contra o inimigo que nos agrediu muitos milhões de operários, kolkozianos, intelectuais. As massas de milhões de seres de nosso povo se porão de pé».

Era Stálin que falava. Os trabalhadores de todo o mundo sabiam o quanto vale a palavra de Stálin. A esperança transformava-se em certeza. As cálicas afirmações do grande comandante apontavam o caminho: «Nossa guerra pela libertação da Pátria se fundirá com a luta dos povos da Europa e da América por sua independência, pelas liberdades democráticas».

Era um objetivo e era um programa. A cada novo golpe sobre o inimigo jurado da humanidade, a palavra de ordem — MORTE AO INVASOR! — tinha o significado de uma condenação à própria guerra imperialista contra a qual lutara a URSS desde a vitória da Revolução.

A luta heroica dos povos soviéticos, na vanguarda dos demais povos, contra os agressores hileristas buscava, desde os primeiros momentos, assegurar a independência nacional de cada povo, garantir as liberdades democráticas e manter a paz como um bem comum de todos os povos.

RUI FACÓ

Mas os povos ainda não colheram todos os frutos da vitória histórica da URSS sobre o fascismo particularmente no que se refere à manutenção e consolidação da paz. E é este um dos maiores legados dessa vitória decisiva sobre os mais odiosos inimigos das forças progressistas. Jamais o capitalismo contará com relação de forças a seu favor como a que favoreceu os criminosos assaltos de Hitler. E sua inexorável condenação à morte está precisamente no gigantesco crescimento e fortalecimento ininterrupto do campo da paz, da democracia e do socialismo, enquanto se debilita a passos acelerados o campo da guerra, da reação e do imperialismo. A guerra na Coreia é uma prova disso. Naquela pequeno país asiático se esboçavam os desafios, a impáfia e a arrogância de Truman e seu bando.

A propaganda imperialista se empenha hoje em demonstrar a pretensa superioridade material dos países capitalistas e suas colônias sobre a União Soviética e as Democracias Populares. Contam os milhões de toneladas de aço, tanks, aviões e barris de petróleo, mas esquecem que são os homens que põem em movimento ou imobilizam as armas, são os homens que decidem a guerra. E hoje os homens, em número cada vez maior, em centenas de milhões, afirmam vigorosamente sua vontade de paz, sua repulsa a uma nova guerra mundial, ou então com heroísmo inextinguível, voltam as próprias armas da agressão contra o agressor, como aconteceu na China, e resistem e vencem a agressão, como acontece na Coreia.

Dez anos depois da agressão hilerista contra a URSS, os novos agressores os imperialistas dos Estados Unidos e Inglaterra, se vêm diante dessa realidade a que não podem fugir: quase metade da população da terra está livre dos grilhões do capitalismo, construindo o comunismo e o socialismo, enquanto os demais povos lutam, inclusive de armas nas mãos, pela independência nacional, pela paz, contra os agressores imperialistas norte-americanos e seus sequazes.

Neste décimo aniversário da agressão nazista à União Soviética, no momento em que se anuncia em nosso país o próximo envio de tropas brasileiras para o estrangeiro, a serviço dos imperialistas dos Estados Unidos e do governo reacionário de Getúlio Vargas, sabremos responder a essa infame traição aos interesses nacionais intensificando nossa luta pela paz, recusando-nos a servir de carne de canhão para os agressores na Coreia ou em qualquer parte, reafirmando: Jamais lutaremos contra a gloriosa e querida União Soviética, pátria dos trabalhadores livres, fortaleza da paz e do socialismo, defensora invencível dos povos que lutam pela sua libertação.